

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Camila Braz da Silva

A retomada das águas: uma etnografia das paisagens e dos itinerários urbanos e mundo do trabalho na rua Voluntários da Pátria/ Porto Alegre- RS

PORTO ALEGRE
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Camila Braz da Silva

A retomada das águas: uma etnografia das paisagens e dos itinerários urbanos e mundo do trabalho na rua Voluntários da Pátria/ Porto Alegre- RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha

PORTO ALEGRE
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Braz da Silva, Camila

A retomada das águas: uma etnografia das paisagens e dos itinerários urbanos e mundo do trabalho na rua Voluntários da Pátria/ Porto Alegre- RS (Volume I) / Camila Braz da Silva. -- 2021.

78 f.

Orientadora: Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. memória ambiental. 2. etnografia da duração. 3. águas urbanas. 4. transformações urbanas. I. Carvalho da Rocha, Ana Luiza, orient. II. Título.



ATA PARA ASSINATURA Nº _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas




Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social ANTROPOLOGIA
SOCIAL - Mestrado Acadêmico
Ata de defesa de Dissertação

Aluno: Camila Braz da Silva, com ingresso em 01/03/2019
Título: **A retomada das águas: uma etnografia das paisagens, itinerários urbanos e mundo do trabalho na rua Voluntários da Pátria/ Porto Alegre - RS**
Orientador: Profª Drª Ana Luiza Carvalho da Rocha

Data: 11/06/2021 Horário: 14:00
Local: IFCH

Banca Examinadora	Origem
Cornelia Eckert	UFRGS Flávio
Leonel Abreu da Silveira	UFPA
Margarete Fagundes Nunes	Universidade Feevale/RS

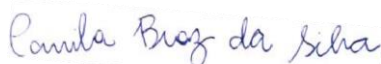
Porto Alegre, 11 de junho de 2021

Membros Assinatura	louvor	Avaliação	Indicação de
Cornelia Eckert		APROVADO	Não
Flávio Leonel Abreu da Silveira		APROVADO	Não
Margarete Fagundes Nunes		APROVADO	Não

Conceito Geral da Banca: (A) Correções solicitadas: () Sim (X) Não

Indicação de Voto de Louvor: () Sim (X) Não

Observação: Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.



Aluno



Orientador

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Av. Bento Gonçalves, 9500 Prédio 43322 - 205D - Bairro Agronomia - Telefone
33088220 Porto Alegre - RS

AGRADECIMENTOS

Escrever a meu modo esses agradecimentos é como navegar pelas memórias que me fizeram chegar até aqui, trajeto que refaço com a emoção de quem teve muitos encontros pelo caminho. Nessa rota cheia de voltas e reviravoltas, é muito bonito atracar neste momento. O caminho não foi fácil, mas com vocês foi possível de ser feito.

À Rose, minha mãe, dedico todas as palavras que escrevi e que ainda vou escrever, por sua entrega imensurável de me fazer chegar até aqui, com você aprendo a ser forte. Ao Edilson, meu pai, agradeço por acreditar nas coisas que posso fazer muito antes de mim, por sonhar junto cada sonho e se fazer presente, com você aprendo a ter coragem. Aos meus irmãos Leo e Pedro, pela vida compartilhada, por me reconhecer um pouquinho em cada um de vocês a seu modo, pelo amor que nos une.

À Ademilde, minha avó, mãe de minha mãe, filha de Vitalina, e nora de Inês. Pelas mãos que me alimentaram, cujo prato principal sempre foi o afeto e o cuidado. Às minhas tias e irmãs de minha mãe, Alessandra e Cristiane, por fazerem parte da minha história, recheando minha infância de lembranças boas e me dando primos queridos.

Ao Antônio (em memória), meu avô, uma lembrança afetuosa que insiste em insistir.

Agradeço aos meus amigos (quem tem um amigo tem tudo) de Mogi, da Casa do Estudante da UFRGS, do Vale, da Sarmiento Leite, da Olavo Bilac e da Eudoro Berlink, dos encontros inesperados e esperados, que bom contar e estar com vocês. Em especial Gabi, Alana, Kerol, Gal, Maru, Ico, José, Iaiá, Lizi e Clara.. E Manô por dividir casa e ser acolhida durante essa escrita.

Nessa trajetória vida-barco que navega correntezas, agradeço meu porto seguro de dias chuvosos, minha companheira Mariana, que foi compreensiva e amorosa, deixando os dias cheios de café da manhã, minha refeição preferida. Você cresce em mim de um jeito insuspeito.

Aos meus amigos talentosos do mestrado Elis, Cleiton, Luci, Bruno, Julia e Nicole, pelo apoio e cumplicidade, por terem deixado essa caminhada mais leve e divertida, quando precisava ser. À Joanna, minha amiga querida, que compartilha escritas, vida e vontade de cidade comigo.

À CAPES, agradeço por tornar viável meu último ano de mestrado, principalmente no contexto da pandemia da Covid-19. Agradeço ao PPGAS, seus professores e servidores que se empenharam em ajudar o tanto quanto fosse possível nessa trajetória acadêmica. Também agradeço à UFRGS, Universidade pública, gratuita e de qualidade de ensino, pesquisa e extensão. Investir na ciência é investir diretamente na diminuição das desigualdades!

Agradeço aos meus colegas do Navisual, pela vontade de aprender e fazer juntas/os, meu encontro com a Antropologia Visual e Urbana nesses anos foi decisivo e fez sentido porque vocês estavam, sou muito grata por cada oficina, exposição e escrita que realizamos. Em especial, meu agradecimento à professora Rumi, com seu olhar sensível e generoso. E à professora Cornelia Eckert (Chica), cujo trabalho desenvolvido nestas páginas se inicia por sua orientação na graduação, é um prazer imenso aprender com essa grande antropóloga.

Aos meus colegas do Biev, por tornarem as segundas de manhã um momento de produção compartilhada, aprender juntas/os é imensamente mais potente. Em especial à Matheus, Manô e Felipe, por todos os para além das reuniões. Sou muito orgulhosa de fazer parte da história desse núcleo de pesquisa. Seguimos!

À minha orientadora e amiga Ana Luiza Carvalho da Rocha, pelo apoio, cuidado, e generosidade até nos dias mais difíceis. Minha profunda admiração por sua dedicação e disposição em ensinar, atributos dignos de uma excelente professora.

Por fim, agradeço ao Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, pela disponibilidade de pesquisar em seu acervo de fotografias, patrimônio cultural de suma importância para Porto Alegre. Ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais pela possibilidade de adentrar em um acervo de trabalhos antropológicos de pesquisadoras e pesquisadores sobre a cidade de Porto Alegre, que por ali passaram nos últimos 20 anos. Pela preservação e difusão dos acervos científicos!

E, principalmente, agradeço à Nadir e Everton, parceiros de pesquisa primorosos que compartilharam seu tempo e suas histórias comigo. Dedico este trabalho ao meu primeiro parceiro de pesquisa, um dos grandes narradores dessa cidade, seu Guido, falecido em 2019. Obrigada por tudo!

RESUMO

Este trabalho apresenta as transformações urbanas da rua Voluntários da Pátria (Porto Alegre/RS), localizada na zona norte da cidade sob a ótica de uma etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2013) A partir da perspectiva de uma memória ambiental (Devos, 2007) traço um panorama entre enchentes e alagamentos ao longo do tempo que incidem sobre a malha urbana do 4º distrito. Na reconstrução da cidade através de narrativas com e por imagens, este trabalho produz três coleções etnográficas.

Palavras-chave: memória ambiental, etnografia da duração, águas urbanas, transformações urbanas.

ABSTRACT

This work from the perspective of an ethnography of duration (Eckert e Rocha, 2013) presents the urban transformations of Voluntários da Pátria street (Porto Alegre/RS), located in the north of the city. From the perspective of an environmental memory (Devos, 2007) I draw a panorama between floods and floods over time that affect the urban fabric of the 4th district. In the reconstruction of the city through narratives with and through images, this work produces three ethnographic collections.

Keywords: environmental memory, ethnography of duration, urban waters, urban transformations.

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi elaborado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código 001

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. SEGUIR AS ÁGUAS PELAS BORDAS, ABRIR UM CAMINHO NOVO: A RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA	20
1.1 Ir pelo “Caminho Novo”: chegar na rua Voluntários da Pátria	20
1.2 Entre escavadeiras e vestígios: uma lembrança dos primeiros passos pelo caminho	29
1.3 As ruínas do passado e os projetos de futuro: um retrato da imprensa sobre a rua Voluntários da Pátria	31
2. 4º DISTRITO: O DISTRITO DO TRABALHO E DO TRABALHADOR	35
2.1 A rua Voluntários da Pátria como entrada para o 4º distrito	35
2.2 Avançar em uma rua, sobrepor os tempos do vivido	40
2.3 Onde termina rua: o Arraial de Navegantes como símbolo beira d'água da expansão industrial	44
3. AS TRANSFORMAÇÕES DE UMA REGIÃO EMBEBIDA EM ÁGUAS	47
3.1 Entre processos de aterramentos e mudanças na paisagem	47
3.2 As enchentes de Porto Alegre	53
3.3 É só chover que alaga: a repetição dos excessos das águas	59
3.4 Os excessos das águas: em busca de uma memória ambiental	64
4. MEMÓRIAS DE HABITAR ÁGUAS	68
4.1 Compartilhar águas: a vibração da memória coletiva	68
4.2 Itinerários urbanos: os sujeitos personagens do meu 4º distrito	68
5. MERGULHANDO ENTRE AS IMAGENS DA REGIÃO NORTE DA CIDADE: A PRODUÇÃO DE COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS	74
5.1 A etnografia da duração começa pelos acervos	74
5.2 As obras continuam nessa rua (coleção etnográfica) ANEXO II	76
5.3 A cidade do trabalho construída sob as águas (coleção etnográfica) ANEXO II	76
5.4 Quando as águas invadem a cidade (coleção etnográfica) ANEXO II	76
ENSAIANDO CONCLUSÕES	77
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Para poder narrar essa história como quem caminha pela cidade, preciso voltar para os passos anteriores que me fizeram chegar até aqui: no tempo de uma etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013b), na qual pude experimentar, ainda que timidamente, o contato com a etnografia, a memória e a imagem. Em 2018, apresentei o trabalho de conclusão de curso (TCC) do bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul intitulado *Hotel Rodoviária: escavando imagens e memórias em um processo etnográfico* (BRAZ DA SILVA, 2018). A monografia foi construída por intermédio de um processo etnográfico de campo em Porto Alegre na rua Voluntários da Pátria (partindo do viaduto da Conceição até a rua Comendador Coruja) e no Hotel Rodoviária, prédio que faz esquina com a rua Ernesto Alves.

O trabalho desenvolvido foi um dos desdobramentos da oficina de produção audiovisual realizada em 2015 e coordenada pelas antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, no âmbito do Banco de Efeitos e Imagens Visuais (Biev) e do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual), vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A oficina em questão fazia parte do projeto *Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva: oficina de etnografia no Navisual*. O objetivo, naquele momento, era compreender a dinâmica dos processos culturais ligados às intervenções no corpo da cidade, às remoções de famílias, às modificações no aparelho urbano, aos aspectos gentrificantes e higienizadores, bem como à dimensão destrutiva/criativa das transformações que prosseguiram após a realização do megaevento. Na ocasião, devido às obras da Copa do Mundo FIFA 2014, era feita a duplicação da rua Voluntários da Pátria que perdurou após o evento, dando continuidade ao processo de intensa intervenção urbana, cenário em que foi iniciada minha pesquisa.

Minha participação e formação continuada no Navisual começou um pouco antes, no ano de 2014¹, na qual a produção expográfica deste mesmo projeto era um dos desdobramentos a serem realizados em curadoria coletiva. Naquele momento, tive a experiência do meu primeiro desafio na antropologia visual e da imagem: entender o que aquelas imagens queriam dizer. Sem ter feito a etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013b) com “a câmera na mão”, o que meus colegas haviam experienciado anteriormente, eu chegava com um olhar distanciado

¹ Minha participação no Navisual foi até o primeiro semestre do ano de 2019, quando começo o mestrado.

daquelas paisagens que tinham sido registradas, mas era afetada e provocada a imaginar por elas. As obras da Copa do mundo FIFA 2014 haviam sido uma “rasgação” na malha da cidade, e com consequências intensas para alguns grupos urbanos, sobretudo em virtude de remoções e de alterações significativas nas dinâmicas cotidianas.

A experiência no Navisual foi tão reveladora para minha formação que comecei no final do ano de 2017 a participar também do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev), núcleo que integro até hoje e que tem como projeto guarda-chuva a implementação de um repositório digital de coleções etnográficas, constituídas por dados de diferentes fundos de origem que permitam a apreensão da cidade e dos problemas urbanos através simultaneamente da densidade etnográfica e arquivística (ROCHA; CERVO; BRAZ, 2020).

Considero que meu TCC na época se voltou para uma reflexão maior aos processos etnográficos de entrada em campo e uma aproximação a outras narrativas sobre a região que eram desconhecidas por mim, produzindo assim diversas histórias da urbe e seus processos de requalificação, em contraponto a uma história oficial das gestões e instituições envolvidas. Como proposta metodológica, utilizei uma antropologia *da e na* cidade (ECKERT; ROCHA, 2013) para a compreensão da ambiência e seus cidadãos, buscando, através de narrativas de trajetórias sociais, compor o fenômeno urbano no tempo. A etnografia da duração (ECKERT; ROCHA, 2013b) foi meu sapato nessa empreitada de “reconhecer os ritmos dos tempos superpostos que conformam os jogos da memória dos habitantes da cidade de Porto Alegre” (Ibid, p. 16), e serviu de suporte para que esses pés pisassem de outra forma quando me deparei com as lembranças e narrativas biográficas de Seu Guido², personagem que aparece quando encontro o hotel Rodoviária, estabelecimento de sua propriedade.

Como resultado e processo daquele trabalho, apresentei algumas crônicas fotográficas em mosaicos com fotoetnografias (ACHUTTI, 1997) de minha autoria, de colegas que trabalharam comigo, e também as primeiras fotografias que tive contato do acervo pessoal de Guido — trazendo uma série de composições com essas imagens na intenção de ampliar os sentidos possíveis, tanto simbólicos como sensíveis, diante não só de meu percurso como etnógrafa em campo, mas também do olhar do outro. Ao final da jornada de feitura do TCC, tive a oportunidade de acessar o acervo pessoal de Guido e constatar o que talvez fosse óbvio para Bachelard (1988): a descontinuidade do tempo, o passado não antagônico ao presente, mas

² Guido Jacó Hilgert (1940 - 2019), dono do Hotel Rodoviária por 42 anos e interlocutor em meu trabalho de conclusão de curso nas Ciências Sociais (IFCH/UFRGS).

sim em tempos superpostos, como dizem Eckert e Rocha (2013a) no livro *A etnografia da duração*.

Por um lado, essas imagens traziam a amarração da minha história com a rua Voluntários da Pátria, as obras da Copa do Mundo FIFA 2014 e o hotel Rodoviária. Por outro, e não por acaso, deixavam pontas soltas com inquietações e questionamentos sobre uma nova dimensão que atravessou meu trabalho de campo: as continuidades e discontinuidades dos excessos das águas na malha urbana que apareciam nas fotografias de Guido. E como diria Samain (2012), as fotografias me ofereceram algo para pensar.

O encontro com as fotografias do acervo pessoal de Guido, que por diversos momentos repetiam imagens de alagamentos na rua Voluntários da Pátria, — além de toda narrativa jornalística sobre a cidade em dias de chuva que eu como moradora de Porto Alegre eu conhecia muito bem — me apontaram para a dimensão conflitiva (SIMMEL, 2004) em relação às águas urbanas no contexto das sociedades complexas (VELHO, 2003) associadas aos processos de requalificação da cidade na região do 4 ° distrito ao longo do tempo.



Imagem 1: Fotografias do alagamento da rua Voluntários da Pátria no ano de 2013 durante as obras da Copa do Mundo FIFA 2014.³

Em meu TCC, a pesquisa ficou restrita a uma pequena parte da rua - entre o viaduto da Conceição e a rua Comendador Coruja - ficando meus pés no Hotel Rodoviária. Agora, ampliei minha escala para a região da rua sentido zona norte, chegando até à igreja Nossa

³ Autoria: Guido Jacó Hilgert. Fonte: Acervo pessoal Guido Jacó Hilgert, 2013. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021. Fotografias de Guido em fevereiro de 2013, atrás das imagens se encontram as seguintes inscrições: Fotografia 1 (esquerda para direita): “2013, Fev -Bomba d’água, foto da janela apto 48 Hotel Rodoviária, esquina rua Vol. da Pátria c/ Ernesto Alves. Vê-se Hotel Ritter e na esquina Hotel União”. Fotografia 2 (esquerda para direita): “ 2013, Fev- bomba d’água, esquina Vol. da Pátria c/ Ernesto Alves, tirada foto do Hotel Rodoviária no fundo está a Estação Rodoviária”.

Senhora dos Navegantes. Neste trajeto, em nenhum momento, apesar de estar próxima à margem do rio Guaíba⁴, vemos as águas. A região considerada como uma planície de inundação tem uma longa história com os processos de aterramento.

A experiência com a etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013b) é basilar no que tange à percepção dos tempos. Foi caminhando entre ruínas e projetos de futuro na rua Voluntários que pude perceber a configuração dos fluxos em diferentes trechos que a compõem. Ela não é igual por todo seu percurso e seus trechos diferenciados constituidores de lugares vão dando feições específicas para a região diante do deslocamento. Seria um grande erro homogeneizar a pluralidade de características do 4º distrito⁵. Entretanto, é através do trabalho que encontramos uma unidade. Antigamente conhecida como distrito industrial da cidade, a região foi palco da modernização fabril de Porto Alegre e se constituiu como “lugar de trabalhador”. Entre os arrabaldes, as modernas indústrias a partir dos anos de 1930, a linha férrea e a expansão comercial até os processos de desindustrialização dos anos de 1960 e os estigmas de decadência que rondam a região, o que continua a reverberar são as instalações de trabalho dos mais variados tipos, tanto formal quanto informal.

As reverberações também seguem a partir das histórias que apresento à leitora e ao leitor das experiências de Guido (in memoriam), Nadir e Everton, meus interlocutores, que me possibilitaram sob a ótica da dialética da duração bachelardiana (1998) construir uma superposição temporal ordenada de durações relativas e descontínuas (ECKERT; ROCHA, 2013) que habitam os tempos pensados e vividos pelos cidadãos, construindo uma memória coletiva (HALBWACHS, 2004) para além dos “fatos históricos” ou “naturais”, mas sim a partir do lugar praticado (Certeau, 1994) construído sensivelmente nas dinâmicas do espaço. É a partir dessa rua e de seus acontecimentos narrados no tempo, que vou localizando os itinerários urbanos dessas pessoas em suas experiências praticadas na cidade.

⁴ A discussão sobre o Guaíba ser um rio ou um lago produz controvérsias no meio acadêmico e em relação às políticas ambientais. Cabe ressaltar que o conceito de lago usado pela cidade de Porto Alegre foi estabelecido por decreto. De acordo com o Código Florestal a área de preservação permanente de um rio é de 500 metros em relação a sua margem e a de um lago é de 30 metros. Opto por utilizar a nomenclatura de rio para o Guaíba. Para maior compreensão das diferenças que constituem um rio e um lago e suas contradições, recomendo a reportagem feita com dois geólogos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no *Jornal do Comércio* de 25 de maio de 2018. Disponível no link:

<https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/2018/05/geral/628089-rio-ou-lago-o-guaiba-e-o-que.html#:~:text=Afinal%2C%20o%20Gua%C3%ADba%20%C3%A9%20um,o%20Gua%C3%ADba%20%C3%A9%20um%20lago>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2021.

⁵ A divisão do município em seis distritos assinada pelo intendente Alfredo Augusto de Azevedo em dezembro de 1892 compartimentou a cidade em várias regiões. Em 1895 a Empresa Territorial Porto- Alegrense iniciou seus trabalhos de loteamento da área e a abertura de suas ruas. Seus bairros posteriormente passam por novas alterações de delimitações nos anos de 1927, 1957 e 1959.

Além disso, esta pesquisa é produzida a partir de imagens feitas por mim em campo, do acervo pessoal fotográfico de Guido Jacó Hilgert, do acervo da Fototeca Sioma Breitman - Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo⁶, e também do acervo do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS), que ao longo dos seus 20 anos, através do trabalho de pesquisadoras e pesquisadores produziu pesquisas que se dedicaram às questões relacionadas à memória, à cidade e ao ambiente - principalmente no que se refere às águas urbanas - na cidade de Porto Alegre, aos quais me filio dentro dessa comunidade interpretativa. A sistematização de um numeroso acervo produzido a partir desta dissertação resultou em três coleções etnográficas (ECKERT; ROCHA, 2013a; 2015) que compõem o sexto capítulo. Os diversos fundos de origem permitiram “a apreensão da cidade e dos problemas urbanos através da densidade etnográfica e arquivística, simultaneamente” (ROCHA; CERVO; BRAZ, 2020, p.86) possibilitando outras formas de narrar.

Este trabalho foi dividido em 6 capítulos. No primeiro, inicio uma apresentação da rua Voluntários da Pátria ao longo do tempo, como também me insiro nesse ambiente de fluxos intensos. No segundo, continuo a caminhada pela Voluntários apresentando o 4º distrito e sua relação com o trabalho ao traçar aproximações com as margens do rio Guaíba. Já no terceiro capítulo, proponho uma série de inquietações sobre os excessos de águas na malha da cidade e seus aterros, traçando uma rota através da memória ambiental (Devos, 2007). O quarto capítulo fica por conta de meus interlocutores, sujeitos-personagens cujas narrativas compõem o corpo desse texto e que são apresentados através de suas trajetórias sociais. Por fim, no quinto capítulo compartilho minhas coleções etnográficas no trabalho de tecer memórias sobre o mundo urbano a partir da etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2013a).

⁶ O Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo promove a interação da sociedade com o patrimônio cultural do Município com ênfase na sua história e memória, por meio da preservação, pesquisa e comunicação dos bens culturais sob sua guarda. Foi criado, em 1979, com a finalidade de reunir acervos históricos e culturais da cidade. A primeira sede da instituição localizava-se em um prédio na rua Lobo da Costa, no bairro Cidade Baixa. Em 1980, tiveram início as obras de restauração do Solar Lopo Gonçalves que, a partir de 1982, passou a sediar a instituição. Em 1993, o Museu de Porto Alegre passou a denominar-se Joaquim José Felizardo, em homenagem ao historiador e criador da Secretaria Municipal da Cultura”. Extraído em: <http://www.museudeportoalegre.com/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

Molhando os pés

25 de junho de 2018

O dia amanhece chovendo muito. Algo esperado no inverno de Porto Alegre, como também as roupas que não secam e as paredes dos prédios úmidas.

Me organizo pela tarde para encontrar Guido, levo a versão final do meu trabalho de conclusão de curso “Hotel Rodoviária: escavando imagens e memórias em um processo etnográfico” impressa depois das alterações que ele me recomendou. Pego um Uber, coisa que nunca tinha feito para ir a campo, mas pela constância da chuva me parece a melhor solução. O carro demora cerca de vinte minutos até lá, acredito que se fosse sem chuva daria no máximo cinco. Faço essa perspectiva ali dentro como distração em meio ao trânsito e ao vidro embaçado, já que sempre vou caminhando. Depois começo a conversar com o motorista reclamando da chuva, assunto certo que durou o resto do caminho. São muitas as indignações compartilhadas sobre a cidade chuvosa. *É só cair uma gota de chuva nessa cidade que o trânsito para*, relata o motorista indignado. Ele continua dizendo que seu trabalho fica muito mais extenuante quando tem que lidar com os outros motoristas ruins, trocas de rota pelo trânsito e por vezes rezar para o carro não passar em ruas alagadas. Eu concordo dizendo que não deve ser fácil. Parece que a chuva piora conforme vamos reclamando, no meio de tanta água olho de passagem pelo vidro do carro a Avenida Osvaldo Aranha - sentido rodoviária - e vejo pequenas enxurradas fazendo caminho entre a calçada e a rua, esperando para serem escoadas pelas bocas de lobo, por onde a água volta.

Vou de galochas. Sinto alívio por essa decisão quando abro a porta do carro para descer. A situação não é tão diferente da que assisti anteriormente: entre a rua e o meio fio atravessa uma quantidade de água considerável, um pouco mais mansa. Piso firme na água, não tenho outra opção. Desço e corro para o hotel protegendo o texto enrolado em uma sacola plástica com o casaco. Abro a porta. Encontro seu Guido, entro, cumprimento a todos. Dona Nadir (sua esposa) executa tarefas atrás do balcão do hotel enquanto Guido prontamente já puxa a cadeira para que eu me sente. Ficamos em volta da mesa de sempre.

Conversamos um pouco sobre sua saúde fragilizada. Percebo que ele está bem magro. Me relata as dificuldades das últimas semanas e de como estava melhor. Entrego o trabalho e com um sorriso no rosto ele recebe aqueles papéis. Eu só sinto alívio de deixar eles irem embora.

Guido começa mais uma vez a olhar as páginas, lembrando o que mais tinha gostado do texto, e de como poderia usar na Associação dos Empreendedores da Rodoviária para “provar” as coisas que fazia tempo que falava por lá. Travo. Como assim ele vai levar meu trabalho para a Associação? E ainda falar de revitalização exatamente da maneira que eu mais temia e tentei combater naquelas páginas? Respiro fundo. Me lembro da sensação de alívio e tento mantê-la. O texto já não é só meu. Não era isso que eu tanto queria? Ter um trabalho compartilhado? Pois agora tenho e seu Guido, naturalmente pode fazer o que quiser com cada palavra daquele trabalho, inclusive porque várias das palavras escritas no texto foi ele mesmo quem disse.

Ele chama os funcionários para ver o trabalho, orgulhoso. Eu também me sinto bem, afinal agora que tenho um trabalho finalizado sobre o hotel, não sou mais aquela guria curiosa que ficava perguntando as coisas e indo lá de vez em sempre, virei “a pesquisadora”. Nadir traz um álbum de fotos do hotel e mais um maço de fotos soltas e as coloca na mesa. Seu Guido tem funcionários que trabalham com ele faz mais de quarenta anos. Eles começam a conversar sobre as fotos, sobre o hotel, tentando lembrar as datas, contando causos. Tenho o ímpeto de registrar aquele momento de alguma maneira, fico pensando o porquê de não estar gravando ou tirando fotos. Me dou conta de que os funcionários estão em volta de nós, não gravo a conversa, mas faço algumas fotos de Guido enquanto conversamos, com a câmera colada ao corpo pela proximidade que estávamos.

O álbum de fotos que Nadir trouxe eu já conhecia. Foi em uma passagem rápida durante um de nossos encontros que o vi pela primeira vez, mas já fazia tempo. Dessa vez era diferente, fomos cuidadosamente pelas mãos de Guido caminhando pelas imagens. Algumas ele já havia me emprestado, fotos soltas das obras da Copa. O álbum era diferente, era a história do Hotel em registros dentro de um grande livro de capa camurça bordô.

Ainda tenho dúvidas se o dia molhado contribuiu para a afetação pelas imagens. Em meio àquelas inúmeras fotos, os registros de alagamentos do hotel me impressionaram muito. As fotografias agora se atavam. De fora para dentro, de dentro para fora: água. As narrativas da calçada do hotel que sempre se desmancha, as bocas de lobo transbordando água, a história da tampa do bueiro que sai do lugar quando chove, os dutos de água nas obras da Copa, a fotografias de Guido repetidamente mostrando os dutos de água da obra, inclusive das minhas próprias fotos.

Pensava incessantemente porque raios não tinha feito campo em dia de chuva até aquele momento. Minhas memórias das obras da Copa do Mundo de 2014 ecoavam aridez e calor,

escavadeiras e vestígios alaranjados da cor dos cones de sinalização urbana. Foi preciso uma mudança no ambiente, para que eu pudesse sentir, atentamente, as águas nos meus pés.

A manchete do dia no Jornal do Comércio mostrava: “Em ritmo lento as obras da Copa são retomadas”.

Diário de Campo



Imagem 2: Fotografias de Guido - campo de 2018⁷

⁷ Autoria: Camila Braz da Silva. Fundo de origem: Dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

1. SEGUIR AS ÁGUAS PELAS BORDAS, ABRIR UM CAMINHO NOVO: A RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

1.1 Ir pelo “Caminho Novo”: chegar na rua Voluntários da Pátria



Imagem 3: Mapa da cidade de Porto Alegre⁸

⁸ Fonte: Google Maps - Delimitação feita pelo Oberva POA. Fundo de origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.



Imagem 4 - Mapa com delimitação da Rua Voluntários da Pátria.⁹

Capital do Rio Grande do Sul, a cidade de Porto Alegre tem uma relação de longa data com o rio Guaíba e com a rua Voluntários da Pátria, principalmente quando se trata do desenvolvimento da metrópole a partir do século XIX, associada ao distrito industrial. A cidade desde seus primórdios teve pela via fluvial seu meio básico de operação (MATTAR, 2010) e a rua Voluntários da Pátria por sua proximidade com o rio - elemento dominante em sua paisagem - criou “estreitos vínculos que ficaram expressos de maneira peculiar nas vivências e nas funções que ali se desenvolveram, como as relativas ao comércio atacadista, depósitos e indústrias” (Ibid., p. 38).

Localizada nas regiões territoriais¹⁰ Centro e Zona Norte, a rua Voluntários da Pátria atravessa cinco bairros diferentes da cidade, sendo eles: Centro Histórico, Floresta, São Geraldo, Navegantes e Farrapos. Com mais de cinco quilômetros de extensão, tem seu início na rua Marechal Floriano Peixoto, ao lado do Mercado Público e termina na rua Ricardo Seibel de Freitas Lima - próximo do estádio Arena do Grêmio. A abertura da rua começa em 1806 pelo governador Paulo José da Silva Gama, dando acesso à Vila de Porto Alegre para as quintas,

⁹ Fonte: Google Maps, 2019. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

¹⁰ Segundo o Observatório da Cidade de Porto Alegre (ObservaPOA) “ as regiões territoriais foram decretadas para viabilizar informações de infraestrutura e saneamento básico oriundas da Secretaria Municipal de Obras e Viação (SMOV), Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAM), Departamento de Esgotos Pluviais (DEP), Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE) e Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) para facilitar aspectos transversais de dados nesta área e contribuir para identificar ações emergências em que o CEIC (Centro Integrado de Comando) necessite atuar. Bem como para tecer a malha de equipamentos e serviços disponíveis para Porto Alegre e obter fonte para planejamento de novas implementações e expansões que o crescimento da cidade exija ao longo do tempo”. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/>. Acesso em: 15 janeiro de 2021.

na qual haviam chácaras e casas de veraneio margeando o Guaíba. Os relatos de viajantes que por lá passavam retratam uma paisagem exuberante, como narra o naturalista e botânico Auguste Saint-Hilaire (1987, p. 31):

Estende-se ao norte da cidade, margeando primeiramente o lago, em seguida, o Rio Gravataí, afluente deste lago; de um lado o caminho é limitado por uma fileira de salgueiros; de outro por casas de campo e jardins cercados de sensitivas espinosas... Raramente se encontra passeio mais agradável que o do Caminho Novo.



Imagem 5 - Iconografia Caminho Novo c. 1827¹¹.

Ele ainda relatou que ao chegar pela grande estrada de Porto Alegre era possível ver sobre os terrenos planos os arrabaldes cheios de casas de campo, além de plantações de mandioca e de cana-de-açúcar em um caminho recém aberto e a colina na extremidade da qual se acha a cidade.

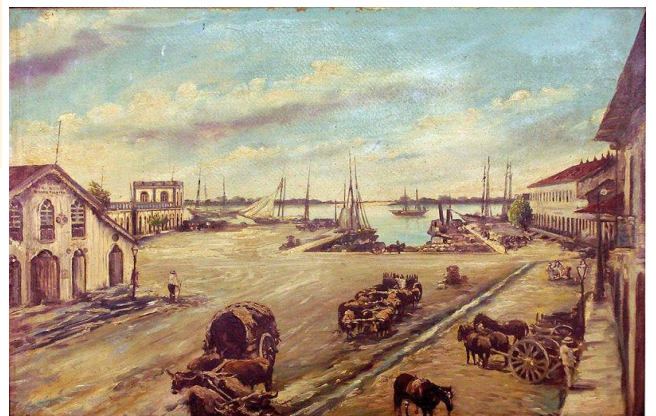
Tal trajeto pela margem do Guaíba recebeu inicialmente o nome de Caminho Novo, no qual se tinham inúmeras preocupações com o paisagismo e com o prazer que aquele percurso poderia proporcionar. O próprio governador, mostrando seus serviços ao rei, disse em um determinado requerimento que a abertura da estrada ao mesmo tempo que facilitava a comunicação com a Vila para as quintas situadas na margem do rio, também era um “passeio cômodo e agradável para os moradores, pela sua situação, largura e sombra que lhe faziam as árvores plantadas de um e outro lado” (PESAVENTO, 1991, p. 431).

O Caminho Novo tinha seu início na Praça Parobé - atualmente terminal Pereira Parobé - na região central da cidade, conhecida no passado como Doca das Frutas, uma doca portuária de abastecimento do Mercado Público e da cidade que em 1919 passou por processo de aterramento (FRANCO, 2006). O Mercado Público, por sua vez, estabelecido ao lado da doca, foi inaugurado naquela localidade em 1869, sobre o primeiro aterro de Porto Alegre. Sua

¹¹ Autoria: Jean Baptiste Debret 1768-1848. Fonte: Fundação Castro Maia. Fundo de Origem: Acervo Biev.

localização no coração da cidade, além de ser um entreposto mercantil, foi historicamente espaço de manifestações culturais de matriz africana. Como destaca Bittencourt Jr. (2006, p. 38):

Grande parte da memória do campo afro-gaúcho está marcada, em Porto Alegre, por meio da rede de relações políticas da religiosidade. É uma referência primordial à figura do príncipe Custódio e do seu respectivo assentamento de Bará¹², o qual fora plantado na área central do Mercado Público. Para muitos batuqueiros, que realizam o ritual do passeio como exigência da fase final de aprontamento, o assentamento foi obra dos negros escravizados, enquanto ritual de proteção.



¹² Divindade cultuada pelo Batuque também chamado de Exu. Orixá do movimento, do início de todas as coisas, do trabalho, da fartura, guardião das casas e da cidade.

Imagem 6: Da esquerda para a direita: 1) Praça Parobé ao lado do Mercado Público entre as décadas de 1920-1930¹³. 2) Fotografia do início da rua Voluntários da Pátria esquina com a Praça XV fim do século XIX¹⁴
3) Fotografia do início da rua Voluntários da Pátria esquina com a Praça XV início do século XX¹⁵ 4)
Iconografia em aquarela por volta de 1880 da Doca das Frutas¹⁶.5) Fotografia do Mercado Público ao fundo e a
Doca das Frutas ao lado final do século XIX¹⁷.

A estrada Caminho Novo fora do esquema viário primitivo começou em 1806 (FRANCO, 2006) e foi ampliada em direção à várzea do rio Gravataí por quase quatro quilômetros a partir da sucessão de Dom Diogo Souza, primeiro capitão-general da capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, que construiu ainda uma casa de campo com um famoso portão, perto da extremidade do percurso (PESAVENTO, 1991, p. 431). O destino comercial e industrial da rua estava, no entanto, marcado desde a instalação do estaleiro Joaquim José de Azevedo junto ao rio nas proximidades da praça Rui Barbosa (Idem), que obteve a partir de uma concessão da corte, o que se contrapunha à ambiência de “cartão postal” esperada pela própria Câmara Municipal e pelo movimento popular para salvar o Caminho Novo (FRANCO, 2006) e manter domínio público. Esse muito provavelmente é um fato decisivo para o início da mudança na dinâmica da rua, pois encorajou outros proprietários de terrenos à beira do Guaíba a investirem em construções. Vários desses terrenos, por serem na beira da água eram propriedade da Marinha, e portanto respondiam diretamente ao Governo Imperial, provocando entre o município e os herdeiros das terras uma disputa pela posse.

A parte restante da margem do rio, a partir da rua Barros Cassal, só foi concedida legalmente a partir de 1869 pelo governo central aos proprietários dos terrenos. E em 1875 a municipalidade obteria para logradouro público, “os terrenos situados entre a chácara do finado José Inácio Teixeira Júnior e a chácara da Dona Teodora (Portaria n. 2445, de 19/10/1875), do Presidente Azevedo Castro), na extremidade da artéria, onde veio a ser implementada a Praça de Navegantes” (PESAVENTO, 1991, p. 432). Nessa zona, considerada mais rural, surgiram os arrabaldes, concentrações habitacionais pequenas que configuram um limite nas adjacências da cidade (MATTAR, 2010)

¹³ Autoria: Desconhecida. Fonte: Coleção Dr. J.P. Ribeiro Netto: Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim Felizardo.Fundo de origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

¹⁴ Autoria: Irmãos Ferrari.Fonte : Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim Felizardo.Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

¹⁵ Autoria: Desconhecida. Fonte : Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim Felizardo.Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

¹⁶ Autoria: Athayde D'Ávila.Fonte: Museu Julio de Castilhos.Fundo de Origem: Acervo Biev.

¹⁷ Autoria: desconhecida.Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim Felizardo. Fundo de Origem: Acervo Biev.

O desenvolvimento da rua, antes disso, foi freado drasticamente nos anos da Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1840, devido ao prolongado sítio pelos rebeldes, pois havia um “valo que protegia a cidade com baluartes artilhados que cortava a Caminho Novo na altura da atual rua Pinto Bandeira, ali existindo um dos portões, com ponte levadiça, que controlavam o acesso à praça” (PESAVENTO, 1991, p. 431). As muralhas no período colonial se estendiam de um lado a outro da península, configurando uma cidade intra-muros. Com o período Imperial e durante a Revolução Farroupilha, a cidade seguiu contida em seu desenvolvimento, mas com grande adensamento populacional na região central. Em 1845 a Caminho Novo ficava praticamente extra muros (MATTAR, 2001).



Imagem 7: Da esquerda para a direita 1) Fotografia da rua Voluntários da Pátria no final do século XIX¹⁸. 2) Fotografia da rua Voluntários da Pátria na década de 1920/1930 próximo à praça Osvaldo Cruz¹⁹. Ambas de autoria de Virgílio Calegari.

A cidade de Porto Alegre desde sua formação foi um escoadouro natural da produção do estado (MATTAR, 2010), em decorrência da relação com as águas do Guaíba e as consequentes facilidades com os transportes fluvial, ferroviário e viário. Entretanto, até a segunda metade do século XIX esse processo foi bastante lento, tendo em vista a importância que cidades como Pelotas e Rio Grande tiveram para o estado, já que foram responsáveis pela produção e industrialização do charque. A partir de 1820, a dinâmica começa a mudar

¹⁸ Autoria: Virgílio Calegari. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

¹⁹ Autoria: Virgílio Calegari. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

substancialmente com o reinício do fluxo imigratório e a chegada de alemães em 1824²⁰ (Ibid). A importância da cidade do ponto de vista econômico “cresceu proporcionalmente ao desenvolvimento da produção das regiões coloniais alemã e italiana, com as quais se estabeleceu um forte fluxo de comercialização” (FORTES, 2001, p. 49), funcionando como um entreposto entre as áreas coloniais (no interior do estado), nas quais os imigrantes dedicavam-se à agricultura e enviavam suas mercadorias para a capital pela via fluvial.

É nesta época que a Caminho Novo torna-se a base do desenvolvimento comercial da cidade, se constituindo como um importante locus das trocas coloniais e como eixo estruturante da região (PESAVENTO, 1991). Em junho de 1870, a antiga Caminho Novo é batizada oficialmente como rua Voluntários da Pátria. No mesmo ano, a Câmara providenciou calçamento até a rua do Rosário, pois eram constantes as reclamações contra “os grandes pantanais e atoleiros” formados em período de chuvas, devido a intensa utilização pelas carretas que se dirigiam ao Mercado (Ibid, p. 432).

Com a implementação da ferrovia para São Leopoldo nos anos de 1874, foi instalada a primeira estação ferroviária da cidade (FRANCO, 2006), que funcionou até 1910, mesmo ano em que a estação Castelinho, conhecida assim por sua torre, foi inaugurada. A estação férrea se localizava nas esquinas das ruas Voluntários da Pátria e Conceição, tendo o prédio permanecido ali até 1970, quando a estação foi desativada e demolida para a construção do Viaduto da Conceição. Outra importante estação inaugurada aproximadamente em 1886 foi a Navegantes (Ibid.), que se localizava no final da Voluntários da Pátria, próxima à igreja Nossa Senhora dos Navegantes. A linha férrea se desenvolvia por toda a extensão da rua Voluntários da Pátria (PESAVENTO, 1991).

Dessa estação (Castelinho) partiam aquilo que tinha que ser consertado... e só saiam dali pra fora de Porto Alegre. Eu ia a Caxias, São Sebastião do Cai de trem com meus avós quando criança, mais crescido um pouco fui com a equipe de vôlei em um torneio em Santa Maria, era uma epopéia viajar de trem, pra Bagé eram 24h de viagem com duas baldeações (Santa Maria e Cacique). Era um burburinho de passageiros saindo e entrando, barulho de sineta...em frente à porta central da estação ferroviária da Voluntários da Pátria havia o Café Nacional, não tinha serviço de lanchonete na ferroviária. Ao lado do Café Nacional também tinha um boteco, apelidado de PIPI, o nome era uma alusão ao apito do trem. Manobristas comiam lá, local de reputação questionável, os clientes eram assemelhados aos frequentadores do Alto da Bronze, Voluntários da Pátria, Cabo Rocha e Pantalhão Telles (entre a Bento Martins e Espírito Santo). Os mais assíduos tinham conta de caderno e eram considerados Sócios do PIPI Tênis Clube. O bonde andava em linha dupla até a rua do Parque e ali uma linha entrava na rua do Parque e ia até a rua Sertório (que não era avenida ainda) com a avenida Eduardo (que

²⁰ “...seguindo com italianos a partir de 1850 e incorporando significativos porém menores contingentes de poloneses e outros imigrantes do leste europeu a partir da década de 1890” (FORTES, 2001, p. 111).

hoje é Presidente Roosevelt) próximo ao Campo de Futebol Renner. Fim da linha era o campo do Renner, onde havia um posto de saúde e o Colégio 1º de Maio, nos fundos do SENAI, esse SENAI foi o primeiro do país. Eu peguei muito bonde, andava muito, o bonde descarrilhava e trancava tudo, pra colocar o bonde na linha tinha que vir um outro bonde que era como se fosse um guincho pra colocar novamente no lugar

(Everton. Transcrição do áudio enviado por aplicativo de celular, 2021)

O cenário da Voluntários incluía duas estações de trem - conectando a região central ao 4º distrito da cidade - que davam à margem do rio lugar para o estabelecimento de trapiches, depósitos, estaleiros e oficinas, armazéns de atacado e indústrias. Essa grande movimentação acabou transformando “o passeio bucólico numa rua suja de armazéns de atacado e indústrias” (Ibid, p. 432). Sobre esse percurso o viajante Arthur Dias afirma:

A rua Voluntários da Pátria é muito longa, por ela passa o bonde para o subúrbio Navegantes e encontram-se numerosas fábricas e oficinas cujas chaminés são seus mais belos ornamentos. Ela segue a linha tortuosa da praia (DIAS, 1907 apud MATTAR, 2010, p.55).

Para Fortes (2001), a ligação entre Porto Alegre e as regiões coloniais respondia em boa parte ao acúmulo de capital, que posteriormente foi investido na criação de indústrias. Uma relação que era mais intensa com a colônia alemã de São Leopoldo, a mais antiga e próxima à capital, principalmente a partir da chegada da estrada de ferro à São Leopoldo em 1874 e à Novo Hamburgo (que pertencia à colônia de São Leopoldo) em 1876. O autor também identifica a vinda tanto de trabalhadores, como a de imigrantes que já possuíam algum capital para estabelecerem seus próprios negócios, o que culminou nos processos de urbanização e crescimento industrial da cidade de Porto Alegre, cujo início aproximado data de 1880 e o ápice da década de 1930:

à medida que este (os processos de industrialização) passava a envolver o emprego em larga escala de mão-de-obra operária em fábricas de maior porte, na década de 20, levou o surgimento dos bairros industriais que iriam redefinir completamente o seu perfil urbano (Ibid., p. 6)



Imagem 8: Fotografia da Estação Ferroviária década de 1920/30²¹.

²¹ Autoria desconhecida. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Coleção: Dr. João Pinto Ribeiro Netto. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

1.2 Entre escavadeiras e vestígios: uma lembrança dos primeiros passos pelo caminho

22 de maio de 2015

Caminhos silenciosos cercavam meus passos por aquela rua. Conseguia nitidamente ouvir sapatos na terra arrasada arrastando pedregulhos. Levantava os olhos na linha do horizonte. Entulho, grandes tubulações, grandes buracos, camadas de terra, concreto, asfalto, tudo revirado, como se estivessem começando algo que ninguém retornou para terminar. Mas somente aos finais de semana. Quando passava do viaduto da Conceição, durante os cinco dias, intensamente em horário comercial, o barulho não dava trégua. Grandes máquinas cavando, operários em movimento, sinalização com cones marcando lugares fechados para transitar. E as pessoas transitavam. Reinventam o espaço enquanto eu, ainda tonta com o barulho, sentia que o sol durante a tarde fazia a pele queimar.

Dividindo comigo a calçada inexistente e um pedaço da rua esburacada, porém circulável, estavam moradores da região, passantes que faziam daquele seu caminho para onde quer que fossem, carroceiros malabaristas com seus carrinhos empilhados de coisas prestes a tombar.

Desde o viaduto pelo lado direito, reparava no que havia nas quadras seguintes e suas esquinas. Comecei a memorizar pontos importantes: primeiro um galpão de reciclagem, carrinhos que se alinhavam na frente em vagas bem delimitadas, um pequeno bar; seguindo, havia alguns prédios antigos com as grandes janelas fechadas de tijolos e cimento, outros servindo de moradia, uma grande oficina mecânica. Andava mais uma grande igreja, um pequeno restaurante, um antigo posto de gasolina desativado, um outro restaurante, outro bar, uma outra igreja, algumas pequenas oficinas, mais igreja, um hotel em cima de um bar, e um hotel bem antigo cuja fachada ocupava uma esquina inteira, um grande prédio branco com detalhes amarelos e escritos em verde e vermelho entre a rua Ernesto Alves e a rua Voluntários da Pátria. No letreiro: Hotel Rodoviária.

Diário de campo

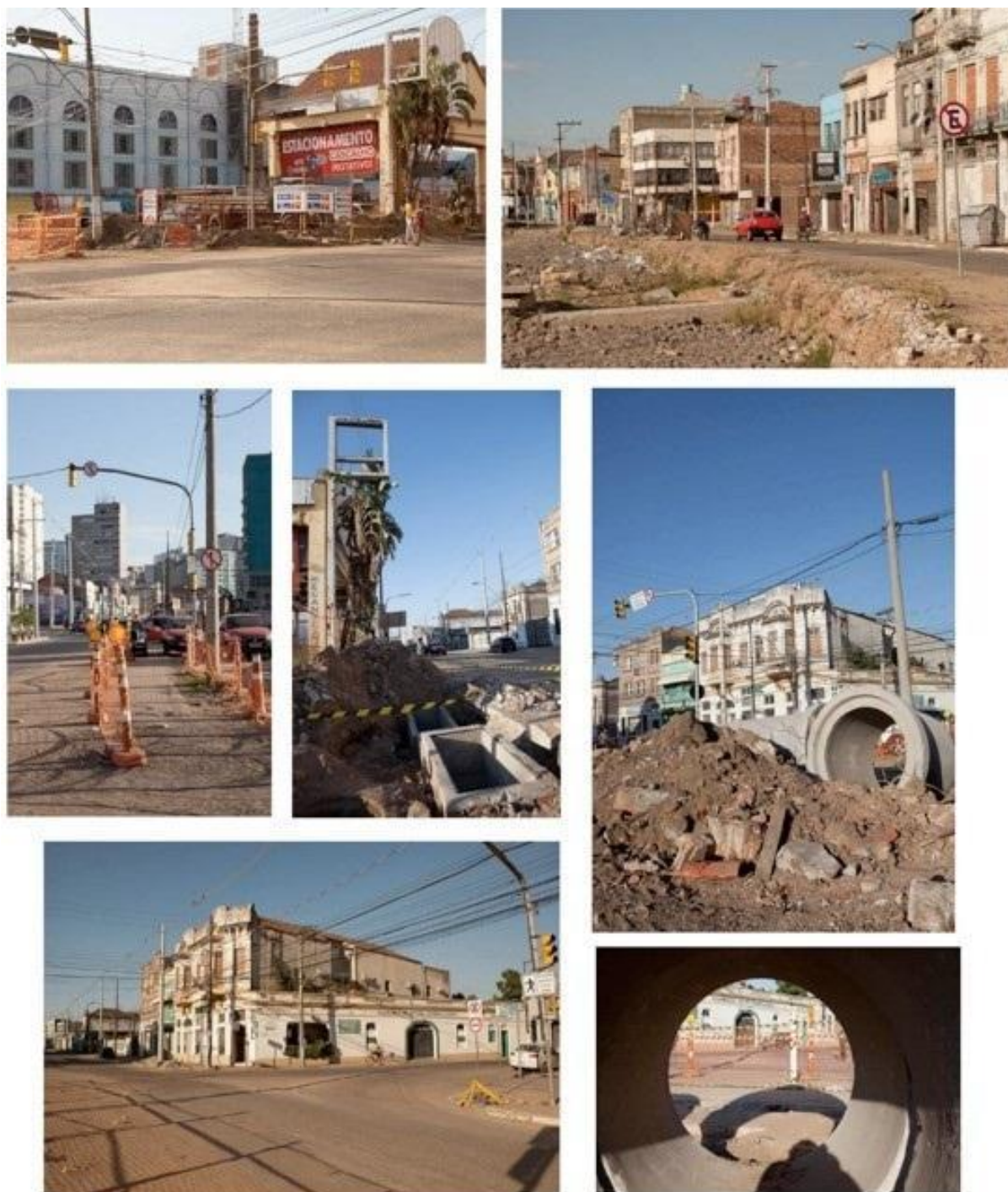


Imagem 9: Mosaico de fotografias duplicação da rua Voluntários da Pátria e Hotel Rodoviária, 2015²²

²²Autoria: Camila Braz da Silva e Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha. Fonte: Coleção “Duplicação da Voluntários da Pátria e Hotel Rodoviária, 2015” - BIEV. Fundo de origem: Trabalho de Conclusão de Curso Camila Braz da Silva, 2018.

1.3 As ruínas do passado e os projetos de futuro: um retrato da imprensa sobre a rua Voluntários da Pátria



Imagem 10: Reportagem da GZH Porto Alegre feita pela jornalista Jéssica Rebeca Weber em 11 de abril de 2017. ²³

A repórter Jéssica Rebeca Weber, em sua primeira frase na reportagem da GZH Porto Alegre de 11 de abril de 2017 afirma em tom contundente: “Emoldurado por prédios em ruínas, o trecho da rua Voluntários da Pátria junto ao Quarto Distrito parece cair no esquecimento”. Ao narrar o que deveria ter sido executado desde as obras da Copa do Mundo FIFA 2014, a jornalista apresenta um cenário longe do ideal, já que apenas 15% das obras previstas tinham sido concluídas até aquele momento:

Prevendo ciclovia, corredores de ônibus e tratamento paisagístico do canteiro central, a duplicação entre as imediações da Rodoviária e a ponte do Guaíba era uma das mais

²³Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2017/04/obras-paradas-inseguranca-e-predios-em-ruinas-a-degradacao-da-rua-voluntarios-da-patria-9769953.html>. Acessado em: Maio de 2017. Fonte: Jornal GZH Porto Alegre - site. Fundo de origem: Trabalho de Conclusão de Curso de Camila Braz da Silva, 2018.

aguardadas obras de trânsito para o Mundial. Deveria facilitar a comunicação entre o Centro e a Zona Norte, além de impulsionar o desenvolvimento do bairro Humaitá e a revitalização do Quarto Distrito. Mas apenas um trecho de três quadras foi entregue, somando menos de 500 metros, entre a Rua da Conceição e a Ernesto Alves. Ainda assim, com três anos de atraso, calçadas, ciclovias e parte da sinalização estão pendentes.

(GZH Porto Alegre, 11 de abril de 2017)

As narrativas que se estendem por todo o conteúdo da reportagem trazem pontos de vista de moradores da região e uma tensão causada pelo processo de desapropriações e as empreiteiras envolvidas para dar seguimento às obras. As complicações de execução das obras somam-se à troca de gestão na Prefeitura e à necessidade de uma nova licitação que dê conta do trecho que atravessava os bairros Floresta, São Geraldo e Navegantes. Ao recolher alguns relatos dos *habitués* da região, Weber nos apresenta o borracheiro Luiz Pelert, 61 anos, que mantém seu negócio há mais de dez anos na esquina da Voluntários com a Doutor João Inácio. Ao se queixar sobre a demora da obra prometida, que já durava alguns anos, ele relata os problemas com alagamentos e trânsito constantes.

Outras narrativas sobre um lugar de perigo, insegurança e prostituição também compõem a trama da reportagem que divide a rua Voluntários da Pátria em duas faces: ao sul da rua Conceição, em direção ao Mercado Público, onde se encontram comércios e grande circulação de pessoas durante o dia; e do outro lado do viaduto, ao norte, passando pela Vila dos Papeleiros, lugar em que não há mais calçadas e pedestres e que de noite é ponto de prostituição, além dos terrenos baldios que acumulam lixo. Conforme venho demonstrando, a Voluntários de que trato neste trabalho é a segunda: degradada e negligenciada pelo poder público.

A descrição de violência é mostrada com ironia, visto que a sede da Secretaria da Segurança Pública do Estado se encontra nessa mesma rua. Outra moradora aparece relatando sua experiência de quarenta e cinco anos residindo na avenida São Paulo, ao lado da Voluntários. Solange Vivian, 60 anos, diz sentir saudades da época em que havia bares e até cinemas na região, expondo uma situação de abandono.

O vigor de um passado movimentado no 4 ° distrito, entre as empresas, garagens e depósitos que ainda resistem na paisagem, ganha força quando a memória do antigo Moinho Rio-Grandense é evocada pela repórter. Os prédios do início do século XX, que na época eram considerados de arquitetura moderna e inovadora, contrastam com o estado atual de abandono e de ruínas. O exemplo do prédio da Companhia de Fiação e Tecidos Porto-Alegrense (Fiateci) também aparece para mostrar uma grande transformação: parte de seus armazéns foram

derrubados e no lugar construíram quatro torres de apartamentos e um espaço comercial, empreendidos pela construtora Rossi, revitalizando e mantendo as casas de outro tempo dos operários da grande companhia.

Ao reconstruir o passado da rua, Weber (Ibid.) dá a devida importância aos trens e às embarcações, já que eles atraíam o comércio atacadista e as indústrias junto às margens do rio. A repórter ainda caracteriza o aterramento de parte da Avenida da Legalidade como prejudicial à relação do bairro com o rio Guaíba. O transporte terrestre com caminhões também aparece para identificar um novo tipo de escoamento das produções e a migração das empresas para a região metropolitana, completando esse “ir embora” dos próprios moradores, e “sentenciando o declínio do ‘bairro-cidade’ – como era conhecida a área onde se tinha moradia, trabalho e tudo o que era preciso para se viver”, concluiu a repórter.

A professora da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUCRS Leila Mattar, que realizou suas pesquisas de mestrado e doutorado sobre o 4º distrito, relata uma descaracterização da região, uma decadência pela constante troca de usos que deixaram de existir e foram substituídos por usos mais marginais. Sérgio da Costa Franco, escritor do clássico livro *Porto Alegre: Guia Histórico* de 1988, também aparece na reportagem, dizendo que hoje a região é quase ruína.

Algumas falas de moradores voltam a ecoar no que concerne à própria duplicação da rua Voluntários da Pátria desde a Copa do Mundo FIFA 2014, o temor do comércio da região aparece principalmente para pontuar a demora das obras e o receio pelo bloqueio do movimento. O projeto de revitalização do 4º Distrito chamado de *Masterplan*, elaborado pelo Núcleo de Tecnologias Urbanas da UFRGS a pedido da prefeitura (na gestão José Fortunati 2010-2016), aparece para compor o cenário e apresenta uma solução para atrair investimentos privados em infraestrutura e de empreendimentos nas áreas de tecnologia, conhecimento e indústria criativa, acrescenta a repórter. O projeto naquele momento passava por um estudo pelo Executivo de avaliação e viabilidade, sendo seu próximo passo a discussão da proposta com o Conselho do Plano Diretor e com a sociedade, por meio de audiência pública e encaminhado para a Câmara Municipal.²⁴

²⁴ Em 2021 o projeto para o 4º distrito retorna às ações municipais, o diagnóstico realizado pelo poder público deve ser concluído e enviado até o fim de 2021 à Câmara. Para Sebastião Melo, atual prefeito de Porto Alegre, conforme apontado em reportagem no último mês de fevereiro, é de interesse da prefeitura que tal empreendimento seja avaliado antes mesmo da análise do Plano Diretor da cidade. Por conta da pandemia, os prazos relativos ao Plano Diretor tem prevista revisão até o fim do ano de 2022 e início do trâmite legislativo em 2023. Vale ressaltar que as propostas avaliadas em relação ao 4º distrito até o momento contam com o envolvimento de dez secretarias, o Dmae e o Gabinete de Inovação. Além de um investimento de 450 mil reais da gestão anterior à Fundação Empresa Escola de Engenharia da Ufrgs para desenvolver o Masterplan, definido por Benamy Turkienicz,

A importância do 4º distrito como eixo viário é destacada repetidamente e aponta para uma possível transformação da Voluntários da Pátria com a implementação do projeto, um dos exemplos usados é o lado da rua em direção à Avenida da Legalidade²⁵ que teria uma espécie de parque linear composto por uma parte edificada e outra parte verde, funcionando em dois níveis, de modo que na calçada em direção ao norte da Voluntários as pessoas poderiam observar o rio Guaíba. A expectativa de implementação total do projeto, prevê a coordenadora, é de 30 anos.

professor da Faculdade de Arquitetura da Ufrgs e coordenador do Núcleo de Tecnologia Urbana na Universidade (NTU-Ufrgs), como uma operação urbana consorciado desenhada. Entretanto existe um dissenso entre a prefeitura e os criadores do projeto em relação a uma abordagem econômica de como buscar recursos para obras na região. Para mais informações sobre a proposta do 4º distrito que vai a Câmara, o Jornal do Comércio na coluna “Pensar a Cidade”, escrito por Bruna Suptitz, fez uma publicação no dia 23 de fevereiro de 2021. Disponível no Link: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2021/02/779860-proposta-para-o-4-distrito-vai-para-camara-neste-ano.html . Acesso em: Abril de 2021.

²⁵ Atualmente nomeada como Avenida Presidente Castello Branco, essa avenida que margeia o rio Guaíba é a principal via expressa de acesso à cidade de Porto Alegre, possui três quilômetros de extensão e liga a Ponte Velha do Guaíba à Estação Rodoviária. Em 2014 a vereadora Fernanda Melchionna propôs projeto de lei que mudaria o nome da avenida para Avenida da Legalidade e da Democracia. Em 2017, o Tribunal da Justiça do Estado do Rio Grande do Sul anulou a lei que alterava o nome, após recurso de vereadores e ex-vereadores, alegando vício de votação no projeto de lei. Apesar da Procuradoria da Câmara Municipal ter recorrido da decisão, o logradouro voltou a se chamar Avenida Presidente Castello Branco, com o acréscimo de um “1”.

2. 4º DISTRITO: O DISTRITO DO TRABALHO E DO TRABALHADOR

2.1 A rua Voluntários da Pátria como entrada para o 4º distrito

A Voluntários da Pátria era uma região de depósitos, de *secos e molhados*, tudo que era produzido nas roças vinha pra cá, tinha venda de produtos coloniais na rua Conceição, algumas grandes indústrias, como Cofres Berta. Tinha também o comércio do Joaquim Oliveira, na imediação da Ernesto Alves. Os primeiros supermercados montados em Porto Alegre foram dele, eram os secos e molhados...tinha também da família Mentz, da família Ritter, onde é o hotel Ritter. O Comercial Sogenalda, do lado do hotel Ritter e também o ferro velho do Jacó. (...) Por baixo aqui prédio (hotel Rodoviária, tá cheio de trilhos, tinha uma porta larga aqui e se entrava com o vagão trazendo couro, eram os trens fabricados na Inglaterra.

(Guido. Transcrição de entrevista, dezembro de 2017)



Imagem 11: Da esquerda para a direita: 1) Fotografia trapiches da rua Voluntários da Pátria²⁶ 2) Fotografia da rua Voluntários da Pátria nas mediações com o bairro Navegantes na década de 1900²⁷ 3) Fotografia fundos da rua Voluntários da Pátria - 1956²⁸ 4) Fotografia rua Voluntários da Pátria - séc. XIX²⁹.

No início do século XX, quem passava pela Estação Castelinho e seguia na rua Voluntários da Pátria, entre os trilhos do trem, trapiches, comércio de secos e molhados, pequenas fabriquetas e indústrias, sem dúvida percebia as especificidades da paisagem ao se deparar com a entrada para o 4º distrito da cidade. Ao longo da rua, na margem do rio Guaíba, instalaram-se nas primeiras décadas as principais fábricas da cidade, destacando-se as metalúrgicas, indústrias de alimentos, fiação e tecelagem e mobiliário³⁰:

Em decorrência do intenso transporte fluvial ali desenvolvido, as ilhas do Guaíba localizadas logo à frente desta emergente concentração fabril, passaram a abrigar pequenos e médios estaleiros. Do outro lado da “Voluntários”, as embarcações construídas por estes mesmos estaleiros podiam atracar praticamente em frente às novas indústrias, transportando matérias-primas, produtos coloniais e os manufaturados que começavam a ser produzidos. (FORTES, 2001, p.9)

Marcado por integrar vários bairros, o território do 4º distrito ficou conhecido como “bairro-cidade”, denominação que não abrangia toda a delimitação de sua área, mas que configurou um conjunto de “características e elementos singulares, que pode ser destacado como um fragmento de uma totalidade” (MATTAR, 2010, p. 69). Nesse sentido, a rua Voluntários da Pátria foi responsável por várias das feições que reverberam para o interior dos bairros da região, que são bastante diferentes entre si. Apesar das fisionomias diferenciadas dos bairros que fazem parte da extensão da Voluntários, eles ganham certa unidade por estarem inseridos na malha fabril/operária/proletária composta pela rua.

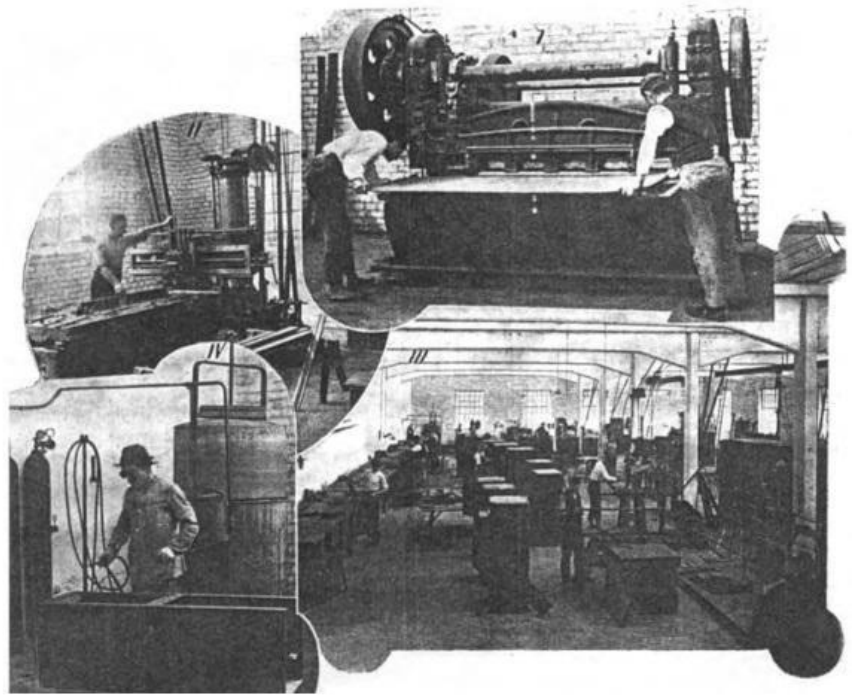
²⁶ Autoria: Desconhecida. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

²⁷ Autoria: Virgílio Calegari. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

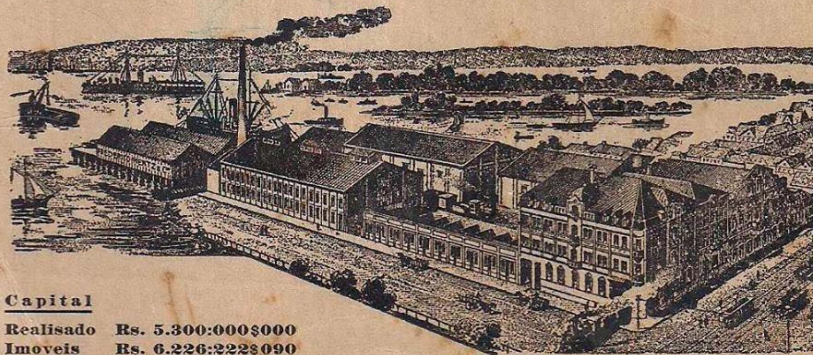
²⁸ Autoria: Léo Guerreiro e Pedro Flores. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

²⁹ Autoria: Luiz Terragno. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

³⁰ Só na rua Voluntários da Pátria (a partir do início do 4º distrito sentido centro-norte) podemos citar algumas grandes indústrias que ainda é possível observar suas edificações como: Moinho Rio Grandense, Móveis Gerda, Moinho Chaves, Wallig e Cia, entre outros. Em outras localizações do 4º distrito, outros nomes como o complexo A.J Renner, a fábrica de chocolate Neugebauer, Cervejaria Bopp, Companhia Fiação e Tecidos Porto Alegre (Fiateci), complexo Wallig e Cia também ganham notoriedade. Para mais informações sobre o patrimônio industrial da região do 4º distrito que ainda se pode observar recomendo o artigo “O patrimônio industrial de Porto Alegre/RS” escrito pela arquiteta Sílvia Eidt Monteiro. Disponível em: <http://revista.esdm.com.br/index.php/esdm/article/view/114>.



Frederico Mentz & Cia. = Porto Alegre



Capital
Realizado Rs. 5.300:000\$000
Imoveis Rs. 6.226:222\$090
Reservas Rs. 1.091:236\$920

Rua Vol. da Patria 994 = C. postal 30 = End. Tel. „Christiano“
 Telephone 4599

Imagem 12: Da esquerda para a direita: 1) Vistas internas seção de cofres da Wallig³¹ 2) Trabalhadores descarregando mercadorias nos armazéns na Voluntários da Pátria.³² 3) Pessoas trabalhando dentro de armazéns³³ 4) Iconografia complexo fabril Frederico Mentz & Cia conhecida posteriormente como complexo A.J Renner³⁴

Quando caminho pela Voluntários e entro para dentro desses bairros que por ela são atravessados, acho interessante observar como cada trecho é praticado (CERTEAU, 1994) distintamente. Nenhuma rua é igual a outra, cada lugar é um lugar. Ao mesmo tempo as reminiscências das construções fabris podem ser encontradas reverberando por dentro dessas quadras, entre ruínas e patrimônios tombados, nas diversas formas de habitação, comércio e circulação de pessoas. Nessa paisagem pode-se ver “a coexistência de edificações que misturam diversos padrões, usos e funções e que também insere várias construções de uso comunitário, ou seja, testemunhos das vivências sociais dos diversos segmentos populacionais” (MATTAR, 2010, p. 29).

Conforme demonstra Monteiro (2020), as fábricas e toda a estrutura adjacente necessária ao seu funcionamento, como locais de moradia, serviços diversos e pequeno comércio, escolas, praças, igrejas, produziram uma concentração populacional a partir dos anos de 1920, assim caracterizando a proximidade entre áreas de moradia, trabalho e lazer do proletariado. Na época, a classe trabalhadora da cidade estava concentrada no setor fabril, o que constituía uma “cultura operária” que influenciava as formas de sociabilidade e as estratégias socioeconômicas familiares (FORTES, 2001).

Por conta do crescimento das famílias operárias, foram construídos inúmeros conjuntos habitacionais, inclusive pelas grandes indústrias. Os conjuntos habitacionais “variavam entre casas geminadas de alvenaria com dois pisos, pequenas casas de madeira e prédios” (RAPKIEWICZ, 2018 p. 79). Algumas indústrias, além disso, ofereciam uma série de benefícios aos funcionários, como creche para os filhos, alimentação, vestuário, e saúde, de modo que competiam diretamente com o movimento sindical e outras agremiações importantes em todo o 4º distrito (MELLO, 2008). Hoje, as vilas operárias cujas edificações ainda podem

³¹ Autoria: Desconhecida. Fonte: (livro) As forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul no 1º centenário da independência do Brasil 1822-1922. Vicente S. Blancato, 1922: 173. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

³² Autoria: Virgílio Calegari. Fonte: Acervo Benno Mentz - Delfos PUCRS. Fundo de Origem: Acervo Biev.

³³ Autoria: Desconhecida. Fonte: Acervo Benno Mentz - Delfos PUCRS. Fundo de Origem: Acervo Biev.

³⁴ Autoria: Desconhecida. Fonte: (livro) Porto Alegre: Biografia Duma Cidade Porto Alegre. Alvaro Franco; Morency de Couto E Silva; Leo Schidrowitz. Editora Tipografia do Centro, 1972. Fundo de Origem: Acervo Biev.

ser observadas marcam um registro das relações interétnicas de identidade e pertencimento para as camadas populares e seus espaços de sociabilidades.

Duarte Bartz (2019) aponta também que o processo de organização da classe trabalhadora se desenvolveu no espaço urbano durante a Primeira República (1889-1930), em que o crescimento populacional de Porto Alegre tornou a cidade um importante polo econômico, político e cultural do país. Esse período também é marcado pelo crescimento da classe trabalhadora e pela “intensificação de seu processo organizativo por meio da criação de sindicatos, partidos, organizações culturais e beneficentes, além de estabelecerem novos lugares de ocupação da cidade.” (Ibid. p. 64)

O time de futebol era para os funcionários da empresa Renner: Grêmio Esportivo Renner. Foi campeão do campeonato gaúcho de futebol de em 1954, vencendo o Grêmio Portoalegrense e o Internacional, que era o preferido. O time também foi grande fornecedor de atletas para a CBD (Confederação Brasileira de Desporto), que hoje é a CBF. Tanto que após sucessivas derrotas da seleção Brasileira na COPA 1950 no Maracanã, na COPA de 1954 e Copa Sulamericana de 1952, o senhor Aneron Correia de Oliveira solicitou que o Rio Grande do Sul representasse a União no Campeonato Panamericano do México, em 1956. O jogo decisivo da Copa foi Brasil e Argentina, 2 a 2. O Brasil estava totalmente desacreditado – nunca se ouvia falar sobre futebol gaúcho. A formação do time se concentrava entre São Paulo e Rio de Janeiro, alguns de Minas, mas nunca do Rio Grande do Sul – e foi. Dentro dessa Copa o jogo da virada foi contra a Costa Rica, que era a preferida, e o Brasil, ou seja, os gaúchos venceram a Costa Rica de 7 a 2 ou 7 a 1. Ganhou do Paraguai, do México, da Venezuela... sem explicação. A composição de profissionais: médico, treinadores foi feita em comunhão de esforços, médico do Grêmio Dr. Derli Monteiro, massagista Biscardi e o auxiliar de massagem ex-cabo da Brigada Antenor Moura, que era do Internacional. Certa feita no jogo regional esse mesmo Moura ao lado do goleiro do Internacional (Periquito ou Éverton) em uma jogada onde a bola já estava quase entrando, jogou a sacola com os remédios ao campo, colidindo com a bola, fazendo com que ela não entrasse, e não ocorresse o gol. Comportamento avaliado e julgado. Como defesa, Moura argumentou que a sacola escapou da mão dele e não houve invasão, posto que ele nunca entrou em campo, apenas sua sacola.

Tenho um livro que trata do esforço com a CBD para a representação e aborda até a chegada do caminhão com os jogadores vitoriosos, vindo do México pela Constellation Varig.

(Everton. Transcrição do áudio enviado por aplicativo de celular, 2021)

Lineu Castello (2007), a partir de entrevistas com moradores da região de Navegantes, chama atenção para a existência de uma identidade e pertencimento entre antigos moradores do bairro associada a um ambiente industrial e fabril. Nas narrativas do viajante Arthur Dias (2004 apud FORTES, 2001), os empreendimentos mais evidentes nos bairros industriais eram por excelência em Navegantes - São João, sendo definido até mesmo pela administração pública como núcleo do 4º distrito. Essa relação de importância não se configura ao mero acaso, e tem

de ser pensada conjuntamente com imbricações com a rua Voluntários da Pátria, o Guaíba e o Canal dos Navegantes.

2.2 Avançar em uma rua, sobrepor os tempos do vivido

Entre setembro de 2020 e abril de 2021

Já não me lembro exatamente quando foi a primeira vez que caminhei sozinha pela extensão de toda a rua Voluntários da Pátria, principalmente no trecho que se inicia depois do viaduto da Conceição. Nos últimos anos comecei a entender que o viaduto era uma divisão muito consistente da rua em relação à região central sentido zona norte, mas mais ainda eram aquelas primeiras três quadras até a esquina da rua Ernesto Alves: lugar de fronteiras porosas com paisagem em constante mudança e características particulares que produzem reconhecimento. É posto, hotel, galpão de reciclagem, igreja, garagem de ônibus, lava-jato, funilaria, mecânica, boteco, restaurante, carrinheiros, carros, calçadas esburacadas, pedestres andando na rua, movimento, pressa, ruína, passagem. Tudo isso ao lado da Estação Rodoviária. Agora com uma via duplicada, uns dizem que mudou muito, outros que continua a mesma coisa de como era antes das obras.

Segundo a Prefeitura, o 4º distrito começa logo que se passa o Viaduto. Seu Guido me dizia que não era, tanto que no folheto de anúncio do hotel Rodoviária localizado na rua Voluntários da Pátria o bairro é Centro Histórico. Acostumei com a ideia de estar meio lá, meio cá.

Precisei seguir para além do hotel, essa foi a primeira sinalização do mestrado e de minha orientadora: avançar pela rua de múltiplas formas possíveis. E avançar pela rua sem dúvida nenhuma era adentrar o 4º distrito, ou pelo menos sua margem.

Desde então, sigo em minhas caminhadas ou pedaladas por essa via, de máscara e álcool gel com o início da pandemia. A verdade é que por conta do Covid-19 demorei muito pra sair de casa e voltar a campo, e ficava imaginando como seria uma forma segura de estar na rua. Imaginava também como estaria diferente o fluxo e a dinâmica da rua e região. Para minha surpresa, pouca coisa havia mudado, principalmente depois que o comércio voltou a reabrir. As pessoas seguiram trabalhando dentro ou não da formalidade (se é que um dia pararam), isso é fato. E a Voluntários ainda é uma rua de trabalho e do trabalhador.

Ficava atenta com o distanciamento, em diversos trechos parecia que não havia pandemia alguma: só eu de máscara. Fato que aumentava a minha sensação de não

pertencimento, estranhei o que tinha se tornado familiar, relembrei as primeiras vezes ali, um misto de insegurança atravessando o corpo de mulher andando na rua sozinha marcado na diferença da pele branca, das roupas, da classe média universitária. Nunca caminhei de noite pela Voluntários.

Apesar dessa sensação ter se diluído com o tempo, não posso dizer que por todo trajeto de três quilômetros me sentia da mesma forma. As ambiências vão se modificando, trechos de vazios ou intensamente habitados pelo comércio e fluxos de pessoas nas calçadas vão se alternando em uma rua de grande escoamento de veículos e de pavimentação precária para ciclistas. É importante olhar para dentro de cada esquina nas ruas que fatiam essa grande via. Por vezes meu caminho começava em alguma dessas ruas, que escolho aleatoriamente tendo como ponto de partida a avenida Farrapos, o que muda tudo. Quando adentro, posso inclusive encontrar algum coworking, uma pequena cervejaria artesanal, pubs, bares, casas de festa e de shows no melhor estilo das arquiteturas industriais em grandes galpões ou prédios históricos. No meio de tudo isso, fábricas e comércios habituais da região, além das moradias, botecos e restaurantes voltados para o público do trabalho diário, do cotidiano.

Primeira marcação importante sobre o trajeto na extensão da rua Voluntários da Pátria: passando o hotel Rodoviária pode-se ver as ruínas do lado esquerdo do que seriam armazéns de descarregar mercadorias na beira do rio com arcos característicos e uma chaminé ao fundo, seguindo, mais algumas fachadas antigas ocupadas por uma gráfica é uma escola de formação e reciclagem para vigilantes. Ao caminho dos passos, alguns galpões vazios em ruínas e outros ocupados pelo comércio, o barracão da escola de samba Bambas da Orgia, um empreendimento novo do lado esquerdo, que só é possível observar os tons de cinza em estruturas verticais e um muro feito de placas de concreto protegendo a obra. A subestação da CEEE Porto Alegre 7, mais galpões fechados, comércio, ruínas, ruídos de carros, caminhões e ônibus comandam a sinfonia da travessia. A Vila dos Papeleiros, o material reciclável disposto na rua, às vezes fazendo caminhos com o vento que tudo espalha. A sociabilidade da vila é pulsante, separar o material, carrinhos, conversas entre mercadinhos e botequins que só existem ali.

Sigo mais um pouco, posto de combustível, mais galpões com empresas de serviço, a estação de bombeamento de água bruta (EBab) Moinhos de vento (Dmae), cuja única identificação nos muros de tijolos a vista marca “Ebab São João”. Passando a esquina da rua Carlos Gomes, mais armazéns de estrutura arquitetônica que ficavam na beira d'água. Na

esquina da rua Álvaro Chaves um prédio enorme em ruínas, mais empresas, comércios, a Maltaria Navegantes da Ambev. Reconheço o prédio do Moinho Rio -Grandense, ainda estou aprendendo a identificar essas construções tão marcantes na história do trabalho e da cidade de Porto Alegre. Mais comércios, pequenas fábricas, serviços terceirizados. Um brique de móveis usados me chama a atenção, tem tudo lá dentro. Depois do brique na esquina com a avenida São Pedro, uma edificação que praticamente ocupa uma quadra inteira que identifico como a antiga Fiateci, ao olhar pela esquina da avenida Polônia é possível observar uma chaminé e três torres de prédios novos.

Quase não há árvores nesta rua, me dou conta olhando o entorno e comparando com o pátio da Fiateci, que é arborizado e que concentra som de passarinhos. Seguindo a Voluntários, do lado direito dá pra ver a BR-116 e o trilho do trem. Mais à frente a estação São Pedro e do outro lado da rua um prédio relativamente novo da empresa Ferramentas Gerais. Comecei a contar as árvores e me pareceu que nesse trecho houve maior incidência. Na esquina da Ernesto da Fontoura, o antigo prédio da Moinho Chaves.

Em vários trechos, por haver espaços abertos consigo ver a via paralela, a avenida Castelo Branco (chamada também de Avenida da Legalidade de da Democracia, em algum momento do tempo que não esse). Sigo. As dinâmicas de lugares se repetem. Chego na frente da empresa Guarda Bem Self Storage, esquina com a avenida Brasil, onde era a fábrica de móveis Gerdau. Foi a primeira fachada de fábrica que aprendi a reconhecer, que me marcou pelas cadeiras thonet que eram feitas ali e tenho muito apreço. Outros pontos comerciais entre ruínas. Chego na esquina da Avenida Cairú, tem a Emafer - comércio e distribuidora de ferramentas, do seu lado uma grande fachada antiga dividida em uma parte com pintura nova e reformada e na outra com tinta descascando e algumas intervenções entre pixos e grafites.

Em alguns trechos me sinto caminhando solitária, quase não se cruza com outros transeuntes. Na esquina da Dr. João Inácio, uma borracharia, caminho mais um pouco até conseguir ver o anel viário que conecta a antiga ponte do Guaíba com a BR-116. Por falar em ponte, em nenhum momento desse trajeto vi o rio. Entro à direita na avenida Sertório.

A dificuldade de atravessar até a igreja Nossa Senhora dos Navegantes impõe ao pedestre duas opções: ou chegar à próxima faixa de pedestre seguindo a Sertório (que não é perto, verifiquei com minhas próprias pernas), ou se aventurar nesse cruzamento de avenida e rodovia. Atravesso praticamente correndo até a igreja por baixo da elevada, a sensação é de uma pequenez sem tamanho passar por baixo daquela grande estrutura, não sou a única que passa por ali e provavelmente não serei a última. Na frente da igreja me surpreendo com um

pátio usado de estacionamento, bem iluminado pelo sol de uma manhã fria, com uma fileira de pequenas árvores protegendo o pátio da confusão exterior. Vejo um muro vazado de concreto e do outro lado os trilhos do trem. Espero pacientemente o barulho chegar, sento na escadaria da igreja, o trem passa. Subo as escadas até a porta e acima da porta um desenho de gesso me chama muita atenção: a imagem da santa, Nossa Senhora dos Navegantes, envolta a nuvens e embaixo dela um grande barco apoiado sobre águas turbulentas. O quão perto da água estou agora ou estaria em outros tempos? Meus pés estariam secos ou cheios de barro?

Faço minha volta por dentro do bairro Navegantes sentido centro, na intenção primeira de cessar a intensidade do barulho e do movimento. Caminho entre as fábricas e empresas, mas também entre as casas. É dentro dos bairros que atravesso onde encontro as moradias, o comércio local e os moradores. É caminhando por dentro que consigo constituir os pontos de referência que me possibilitam saber mais ou menos em qual bairro estou: outras fronteiras porosas. Você que me lê sabe exatamente onde começa ou termina os bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes ou Farrapos? Pois não é tudo a mesma coisa..

Duas cenas:

Primeira. O relógio marca 12h30. Em uma rua tranquila de paralelepípedos no meio do bairro Navegantes, há trabalhadores de uma pequena fábrica descansando embaixo de árvores, ao lado do seu local de trabalho. Também acontece ali um jogo de futebol: duas traves improvisadas, homens de meia idade e outros jovens, com roupas bege e alguns sem camisa, todos com a mesma calça, todos sem sapatos.. Quando passo eles param a bola e esperam que eu atravesse o campo, arrastando minha bicicleta. Voltam ao jogo assim que vou embora.

Segunda. Estou na rua Polônia, ainda impactada com a torres de prédios dividindo espaço com a chaminé da Fiateci e mais alguns pedaços ruinosos, que provavelmente têm impedimento legal para vir abaixo. Do outro lado da rua, um galpão grande e na frente mesas com guarda-sol. Dentro do galpão, alguns *food trucks* montam o cenário de escolha do cardápio variado: comida de rua. Mesmo com a pandemia as mesas estão cheias, pessoas em horário de almoço, alguns com crachás. Do lado do galpão, uma cervejaria que dava prosseguimento com as mesas na frente e também servia almoço.

Fui pra casa, preocupada com a pandemia e impactada com os empreendimentos imobiliários quase escondidos nos miolos dos bairros.

Compilado de Diários de Campo

2.3 Onde termina rua: o Arraial de Navegantes como símbolo beira d'água da expansão industrial

O maior polo industrial do Rio Grande do Sul é a região da Grande Porto Alegre. A localização das indústrias nesta área, no entanto, não obedeceu a um planejamento urbano, caracterizando-se por uma distribuição indisciplinada, e por isso improvisada, acarretando inconvenientes tanto do ponto de vista das obras e serviços que forma a infra-estrutura existente, como dos aspectos urbanos (higiene industrial, núcleos residenciais, problemas de acesso etc.). No eixo principal deste polo, ou seja, na BR-116, estendem-se ao longo da rodovia, com escassa penetração para o interior, indústrias carentes de economias externas, exigindo projetos complementares, de água, esgotos, eletricidade, pavimentação, telecomunicações, etc., afora as lacunas que ainda persistem, impossibilitadas que estão as empresas supridas. A existência desta semi-concentração industrial na Grande Porto Alegre, além de impossibilitar ao Estado um atendimento racional e não excessivamente oneroso de suas necessidades, desfaz as forças positivas que poderiam beneficiar um aglomerado desta natureza (JOHANNPETER, 1967, p. 16-17)

Região dos bairros Navegantes e São João, o arraial de Navegantes até o século XIX era destinado às chácaras e casas de veraneio, sobretudo de autoridades e elites (MELLO, 2008). Por muito tempo a região ficou conhecida por seus "balneários particulares, dotados de certa infra-estrutura como trapiche e casinholas, que proporcionavam lazer aos primeiros banhistas porto-alegrenses, desde que pagassem para usufruir certa privacidade e comodidade" (Ibid., p. 34). No entanto, sua relação com o Caminho Novo foram alterando essas dinâmicas:

O Caminho Novo e a futura rua do Parque, constituíam as opções de acesso ao lugar, sendo que a região da praça dos Navegantes era coberta por mata espessa, cujos vestígios ainda permaneceram até a década de 1920. Outras chácaras se instalaram nos quarteirões e nos espaços maiores. Nas primeiras décadas do século XX havia pelo menos três chácaras no centro do bairro, sendo que as maiores localizavam-se nas proximidades da rua Dona Margarida. Tambos de leite, gado pastando e a presença de pequenos açudes repletos de traíras, davam um ar bucólico ao bairro. Aos poucos a comunidade foi crescendo, com o surgimento de fábricas, algumas vizinhas dos tambos, e a construção das moradias (MATTAR, 2010, p. 58)

Por se caracterizar como lugar de entrada para a cidade de Porto Alegre, sendo os meios de transportes fundamentais em seu desenvolvimento - desde mulas, cavalos, carroças até a navegação fluvial, os trens e posteriormente o transporte rodoviário - a região de Navegantes

constituiu-se como bairro independente do planejamento urbano graças à sua localização geográfica e ao recebimento do “fluxo migratório e de produtos comercializados entre a capital e interior do estado do Rio Grande do Sul” (MELLO, 2008, p. 36).

Apesar de sua constituição independente, as companhias de loteamento se destacaram na promoção e valorização do mercado de terras no 4º distrito, principalmente no processo de desenvolvimento da região (STROHAECKER, 2005). A Territorial Porto-Alegrense entre 1892 e 1902, a Companhia Predial e Agrícola S.A até a década de 1920 e posteriormente a empresa Schilling Kuss & Cia Ltda. entre 1930 e 1950 foram responsáveis pelo loteamento de todo o distrito. Essas empresas utilizavam como estratégia de contrapartida ao município pelos loteamentos, contratos com outras empresas prestadoras de serviços que oferecessem equipamentos, serviços de infraestrutura (como saneamento) e transporte para a região (Ibid). O exemplo de Manoel Py - sócio fundador da Cia Fiação Tecidos Porto Alegre - relatado por Mello (2008), é elucidativo de como e por quem eram feitas as barganhas entre Estado, empresas privadas de loteamentos e empresas terceirizadas que beneficiavam grandes indústrias. Manoel Py ocupava cargo público de tenente-coronel da Guarda Nacional e foi deputado estadual e federal, além de ter cargos privados como diretor das companhias Hidráulicas e Carris Porto-Alegrense, sendo sócio majoritário e fundador da Cia Fiação Tecidos Porto Alegre (Fiateci).

Para Licht (2005), o bairro Navegantes começou com um loteamento em volta da praça Navegantes, terreno doado por Margarida Teixeira de Paiva destinado à construção da capela Nossa Senhora dos Navegantes. A partir de então, os primeiros lotes foram fracionados ainda na década de 1870, sendo de suma importância os processos de aterramento daquela região, como menciona Mello (2008) em sua dissertação, ao apresentar uma das narrativas de Henrique Licht:

Outra coisa marcante foi o aterro da praça, pois a praça era um lodaçal: quando vinham as chuvas de verão, ficava todo mundo dentro do banhado mesmo (...) Esse aterro foi uma coisa fantástica: tinha linha férrea. Naquele tempo, se fazia captação do Guaíba e eram todos de 50 ou 60 centímetros de diâmetro, e a draga empurrava. Na prática, o terminal era móvel, conforme a região que faltava aterro. Só que naquele tempo, não havia grade. Então vinha muito peixe. A gurizada vinha com balde e tudo... Todo mundo era solidário. Ali nos fundos da igreja, junto ao trem, já havia uns cinco ou seis casebres, acho que foram os primeiros de Porto Alegre. Isso foi em 1928. Aquele comunidade era muito pobre, viviam quase de mendicância, e quando houve esse período, foi muito interessante porque todo mundo, nós, os guris, todo mundo ajudava a botar os peixes na lata: era cascudo, lambari, pintado... Isso a gente não esquece. (Ibid., p. 35-36).



Imagem 13:Da esquerda pra direita: 1) Praça dos Navegantes e a Igreja Nossa Senhora dos Navegantes década 1940/1950³⁵ 2) Capela Nossa Senhora dos Navegantes datada em 11 de novembro de 1929³⁶.

A apresentação das dinâmicas ecossistêmicas caracterizadas pelo arraial de Navegantes nos dá pistas sobre esse lugar de chegada (ou saída) da rua Voluntários da Pátria. Suscitando imagens emblemáticas de uma população em relação próxima com seu rio. No próximo capítulo, poderemos observar como a dinâmica dos processos de urbanização dessa região mudam consideravelmente a relação com seu ambiente, mas não por isso deixam de ser acometidas por questões das águas.

³⁵ Autoria: Desconhecida. Fonte: Coleção Dr. João Pinto Ribeiro Netto. Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva.

³⁶ Autoria: Desconhecida. Fonte: Acervo Benno Mentz - Delfos PUCRS. Fundo de Origem: Acervo Biev.

3. AS TRANSFORMAÇÕES DE UMA REGIÃO EMBEBIDA EM ÁGUAS

3.1 Entre processos de aterramentos e mudanças na paisagem

Os primeiros aterros de grande magnitude foram o Pontal do Arsenal (Praça da Harmonia), a rua da Praia (rua dos Andradas), e a rua Nova da Praia (rua Sete de setembro) na região central. No tocante à margem norte da cidade, os primeiros aterros se caracterizavam por serem pequenos avanços sobre as águas ao fundo dos lotes, até o momento em que a região é sancionada como local mais elevado de seu porto, devido às “melhores condições de profundidade do canal de navegação e dos ventos predominantes, como pelas tendências de crescimento que confirmaram a vocação industrial da zona norte” (BOHRER, 2001, p.62), tendo a rua Voluntários da Pátria como eixo do comércio. A imbricação entre a rua Voluntários da Pátria fazendo margem ao rio Guaíba e o canal de navegação (conhecido também como Canal dos Navegantes) utilizado para a chegada de mercadorias na cidade compõe o mito fundacional da região que viria a se tornar o distrito industrial. Os aterros de maior dimensão na zona norte ocorreram entre as décadas de 1910 e 1950, na expansão do tecido urbano “em conformidade com o modelo de parcelamento tradicional existente, para dar suporte à instalação de novos equipamentos urbanos” (Ibid, p. 62) necessários no desenvolvimento da cidade, alterando significativamente a paisagem.

As instalações portuárias da cidade de Porto Alegre demandaram recorrentes aterros nas margens do Guaíba desde a fundação do núcleo urbano (MATTAR, 2010). Foi principalmente após a revolução Farroupilha, no entanto, que esses processos de remodelação das margens e expansão da cidade sobre as águas se intensificaram (BOHRER, 2001). Em 1921, foi inaugurado oficialmente o Cais Mauá, estendendo-se até a rua Conceição. Na década de 1940, iniciaram-se as obras do Cais Navegantes, finalizadas em 1955 por ocasião da construção do canal do rio Gravataí.

A partir dos anos 1950, com o desenvolvimento do transporte rodoviário e o intenso deslocamento das indústrias para a região metropolitana (BARTZ, 2019), além da construção do superporto em Rio Grande (RS), a região começa um processo intenso de desindustrialização. Os aterros são feitos na margem norte do rio, distanciando a rua Voluntários da Pátria do Guaíba e dão o tom das mudanças profundas naquela paisagem.

O trem na rua Conceição dobrava até a rodoviária, a antiga rodoviária que ficava na Conceição, isso mais ou menos em 1960. O trem foi importante anos os anos 60, ligava o cais do Porto, levava cargas pela região. O Brasil adotou o modelo americano de trens

e rodovias, isso com o Getúlio, daí o trem foi sucateado, e o transporte de cargas foi transferido para Rio Grande, o Porto e o trem.

O trem era lento, o ônibus ganhou da concorrência, a rodoviária se tornou pequena e não comportava a quantidade de ônibus, foi necessário fazer uma nova rodoviária que mudou o conceito da região. Foi feito com a nova rodoviária um complexo de ruas novas e avenidas novas. O viaduto da Conceição, é obra foi feita por paulistas, era uma tecnologia que ainda não tinha aqui. A estação do trem depois foi transferida para Voluntários da Pátria, onde hoje é a secretaria de segurança, isso foi na época dos trens húngaros, daí a moda passou a ser ônibus e o cais do porto foi desativado. Quando o trem parou, morreu ainda mais a rua, saíram os depósitos e indústrias, dando lugar para bares e rendez-vous. Na época do governador Ildo Meneghetti, até fechou os rendez-vous a pedido de um bispo, Dom Vicente Scherer. As moças vinham do interior expulsas de casa e a única opção delas era trabalhar nos rendez-vous, a Voluntários era mal falada, uma rua degradada ao extremo.

Por volta de 1977 alugou uma parte aqui do prédio (hotel Rodoviária). Na época do Olívio, o Bisol fez a transferência da Secretaria de Segurança pra cá, ninguém queria ir trabalhar na Voluntários da Pátria, os funcionários protestaram abraçando a sede que ficava na rua da praia, causou muito problema. Hoje a cidade fica favorecida pela região geográfica e vai valorizando novamente com a duplicação da avenida... fizeram mal feito, né, não terminou, começa na Voluntários e vai até a Ramiro, é muito pequeno o trecho. Só a região aqui do hotel tem 12 paróquias e 12 hotéis, a Voluntários ganhou vida com as religiões. Temos a Associação dos Empreendedores da Área da Rodoviária, com mais ou menos 35 pessoas nas reuniões, o presidente é o Ricardo Ritter, já conversamos com a arquiteta da prefeitura e ela diz que tem muita obra pública na região, mas a rua não reagiu. Como se explica isso? Para nós empreendedores é a fama da rua!

(Guido. Transcrição de entrevista, dezembro de 2017)

O esgotamento da industrialização no 4º distrito ainda hoje é utilizado como uma forma de desqualificação do território a partir de uma região moral (PARK, 1967), produzindo estigmas sobre um lugar marginalizado e decadente, refém do mito do progresso. Não há dúvidas que as dinâmicas urbanas se alteraram mas ainda hoje pode-se ver um intenso núcleo de trabalho das mais diversificadas funções estabelecido pela extensão da rua Voluntários da Pátria e entrando para dentro desse distrito.



Imagem 14: Da esquerda para a direita: 1) Aterro na rua Voluntários da Pátria, 1955.³⁷ 2) Construção das docas no cais³⁸ 3) Construção das docas no cais³⁹ 4) Ponte do Guaíba e rua Voluntário da Pátria sentido norte -sul, 1962.⁴⁰

Desde os anos 1970 se discute a necessidade de uma suposta revitalização desta área da cidade (BARTZ, 2019), debate que ganhou força nos anos 1990, quando grandes fábricas foram transformadas em centros comerciais (Ibid). Novamente a partir de 2013, a discussão retorna

³⁷ Autoria: Léo Guerreiro e Pedro Flores. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

³⁸ Autoria: Desconhecida. Fonte: Acervo Benno Mentz - Delfos PUCRS. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

³⁹ Autoria: Desconhecida. Fonte: Acervo Benno Mentz - Delfos PUCRS. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

⁴⁰ Autoria: Léo Guerreiro e Pedro Flores. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim José Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

com a proposta de um Distrito Criativo, e em 2016 com a reconversão da área em um polo tecnológico, com o projeto Masterplan (Idem).

A dinâmica das propostas de projetos para reconversões no 4º distrito não é de agora. Um dos que mais alterou a paisagem urbana foi o Plano Geral de Melhoramentos, produzido por Moreira Maciel em 1914, de suma importância para o planejamento estabelecer ligações entre o centro e as periferias através das radiais (SOUZA, 2004). Muitas de suas propostas viárias seriam executadas também em gestões posteriores, incluindo a avenida Júlio de Castilhos, inaugurada em 1928, e a implantação na década de 1920 da Avenida do Porto (atual Avenida Mauá) (BOHRER, 2001). Até 1940, a rua Voluntários da Pátria permaneceu sendo a principal via de passagem entre o núcleo central e o interior na direção norte, perdendo sua prioridade com a construção da avenida Farrapos no governo Loureiro da Silva: “a moderna artéria larga, bela e iluminada, implantada em meio aos antigos quarteirões do loteamento de origem, certamente contrastava com o restante do bairro” (MATTAR, 2010, p. 99).

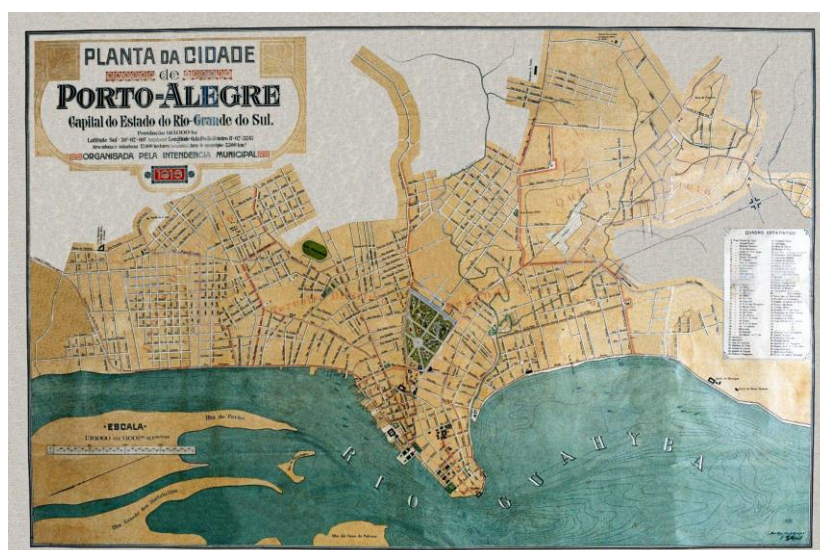


Imagem 15: Planta de Porto Alegre (1916)⁴¹

Foi só a partir de 1945, pós Segunda Guerra Mundial, que o processo de urbanização se densificou, havendo uma valorização das propriedades e melhorias nos padrões das construções (MÜLLER, 1969) do 4º distrito. O ponto nevrálgico que começou a ser olhado com mais atenção foram as questões de saneamento. Mattar (2010) relata que no início do mandato de

⁴¹ Autoria: João Moreira Maciel - Intendência Municipal. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Cartografia Virtual Histórico-Urbana de Porto Alegre. Porto Alegre, 2005. ICD-ROM. Fundo de Origem: Dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

Loureiro da Silva, este implementou algumas iniciativas e descreveu como as condições higiênicas eram bastante precárias na região em que as classes operárias viviam, sendo um terço da população. As inundações pluviais e fluviais eram recorrentes, os terrenos eram cobertos pelas enchentes pluviais e faltava esgotamento cloacal e pluvial. Diante de tal contexto, se fazia necessário um plano de saneamento da região que incluísse os problemas das enchentes, o problema viário e a extensão do serviço público:

Os bairros proletários de Porto Alegre estiveram sempre sujeitos a desolação das cheias, seu território estava crivado de charcos, responsáveis em boa parte, pela mortalidade infantil, como focos de moléstias e seus portadores. A avenida Farrapos traz consigo o saneamento. primeiro a canalização das águas pluviais, por meios de canais mestres de cimento que recebam a afluência de centenas de outros menores. Depois o aterro dos terrenos alagadiços e conseqüente destruição de todos os focos. Estes são passos decisivos de um velho problema: a enchente.

Pode-se dizer que ao longo do tempo a repetição do acúmulo e excesso de águas na malha do 4º distrito nunca foi uma novidade. A falta ou problemas de saneamento e drenagem urbana, por sua vez, confirmava uma diferenciação de territórios higienizados a partir de uma distinção social clara: quem ocupava o 4º distrito estava na margem, sujeito aos efeitos do Estado e da natureza (CORBIN, 1986). Em se tratando das enchentes, a lógica continuava sendo a mesma, o que é comprovado pela intensidade da reincidência ao longo das décadas do século XX⁴². Nesse sentido, convido a leitora e o leitor a mergulhar na dialética da duração bachelardiana (1988), que reside nos tempos vividos e nos tempos pensados dos cidadãos em suas rítmicas de continuidades e descontinuidades, para que possamos sobrepor as camadas do tempo das águas em seus excessos no 4º distrito. Nas próximas seções, traço um paralelo das enchentes de Porto Alegre com minha experiência de campo em relação às dinâmicas de drenagem e alagamentos na rua Voluntários da Pátria por meio da memória ambiental (DEVOS; SOARES; ROCHA, 2010, DEVOS, 2009, 2008; NUNES; FIGUEIREDO; ROCHA, 2015).

⁴² Franco (2004) relata como ficaram as marcas na história de Porto Alegre dando a devida atenção para a de 1941, a maior de todos os tempos, em dimensão e duração, impondo a população atingida uma situação dramática.

ÁGUAS DE SÃO MIGUEL

Chuvas e ventanias das últimas semanas são um novo capítulo na história de enchentes em Porto Alegre

A última grande cheia ocorreu em 1967, quando as águas do Guaíba subiram 3,18 metros e invadiram o Centro Histórico da Capital

31/10/2015 - 14h12min
Atualizada em 31/10/2015 - 14h12min



Casa cercada de água na Ilha dos Marinheiros: cheias afetaram particularmente moradores das Ilhas do Guaíba
Gmar Freitas / Agência RBS

SOB A PONTE

Com alagamento na Voluntários da Pátria, trânsito fica lento na região e veículos têm problemas mecânicos

Trecho de aproximadamente 50 metros apresenta acúmulo de água frequentemente

15/05/2019 - 07h07min



Veículo precisou ser empurrado na via
Tapi Bot / Agência RBS

PORTO ALEGRE ALAGADA

Com nível alto, Guaíba impede escoamento e água invade Rua Voluntários da Pátria

Tempo foi seco nesta quarta-feira, mas há previsão de volta da chuva na sexta-feira

22/07/2015 - 18h47min
Atualizada em 22/07/2015 - 18h47min

CHUVARADA

Chuva forte faz arroio transbordar e alaga ruas e avenidas em Porto Alegre

Há registro de pontos com acúmulo de água nas zonas norte e sul e na área central da Capital

30/06/2020 - 07h22min
Atualizada em 30/06/2020 - 10h51min

≡ CORREIO DO POVO

Chuva alaga e causa bloqueios em Porto Alegre

Pelo menos 67 alagamentos foram contabilizados na Capital na manhã de quarta

08/07/2020 | 13:37
Cláudio Isaias



Chuva causou alagamentos em Porto Alegre | Foto: Guilherme Almeida

Imagem 16: Da esquerda para a direita: 1) Reportagem da GZH Porto Alegre em 31 de outubro de 2015⁴³ 2) Reportagem da GZH Porto Alegre em 22 de julho de 2015⁴⁴ 3) Reportagem da GZH Porto Alegre em 12 de fevereiro de 2019⁴⁵. 4) Reportagem do Jornal Correio do Povo em 8 de julho de 2020⁴⁶

3. 2 As enchentes de Porto Alegre

Segundo informações veiculadas no site do DEP sobre topografias e cheias, a cidade de Porto Alegre possui uma topografia complexa e tem por formação morros e áreas planas e baixas, com 27 arroios e seus braços, além das águas que a margeiam⁴⁷. Somando-se a isso, há um desenvolvimento/modernização de cidade que não comporta uma visão sistêmica, produzindo o desmatamento intensivo e desordenado, a impermeabilização do solo e a obstrução das redes coletoras por lixo mal acondicionado, o que configura um cenário perfeito para os excessos de águas como as enchentes e alagamentos.

De acordo com medições das cotas fluviométricas⁴⁸, a cidade de Porto Alegre começa a ter registro das enchentes a partir de 1824. Os maiores registros foram: 1873 (com 3,50 metros), 1928 (com 3,20 metros), 1936 (com 3,22 metros), 1941 (com 4,76 metros) e 1967 (com 3,13 metros). Guimaraens (2013) ressalta que as enchentes (pelo menos uma a cada década) fizeram parte do cotidiano da cidade, com maior probabilidade de acontecerem entre os meses de setembro e outubro, sendo chamadas popularmente de “enchentes de São Miguel” devido ao dia 29 de setembro, comemoração do arcanjo.

A partir da obra de Guimaraens (Ibid.), na qual o autor faz uma cronologia dos impactos das principais enchentes, componho aqui um panorama sintético dessa dramática relação de Porto Alegre com as águas das chuvas. O registro mais notável do século XIX foi a enchente de 1873, que teve uma elevação das águas do Guaíba a 3,5 metros acima da cota, avançando

⁴³ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/10/chuvas-e-ventanias-das-ultimas-semanas-sao-um-novo-capitulo-na-historia-de-enchentes-em-porto-alegre-4891028.html>. Acessado em: 10.7.2020. Fonte: Jornal GZH Porto Alegre - site. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva.

⁴⁴ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/07/com-nivel-alto-guaiba-impede-escoamento-e-agua-invade-rua-voluntarios-da-patria-4807224.html>. Acessado em: 10.07.2020. Fonte: Jornal GZH Porto Alegre - site. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva.

⁴⁵ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/02/com-alagamento-na-voluntarios-da-patria-transito-fica-lento-na-regiao-e-veiculos-tem-problemas-mecanicos-cjs1logwu00es01mrqzgc5xm0.html>. Acessado em: 10.07.2020. Autoria: Tiago Boff. Fonte: Jornal GZH Porto Alegre - site. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/chuva-alaga-e-causa-bloqueios-em-porto-alegre-1.447303>. Acessado em: 08.07.2020. Fonte: Jornal Correio do Povo - site. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva.

⁴⁷ As regiões baixas, como é o caso da zona norte, possuem 35% das áreas urbanizadas praticamente no mesmo nível das águas dos rios

⁴⁸ Informação extraída do Departamento de Esgotos Pluviais da Prefeitura de Porto Alegre responsável pela drenagem pluvial urbana. Link: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/dep/default.php>. Acessado em: 4 de setembro de 2020.

pela rua Sete de Setembro e pela Doca das Frutas, e ao norte pelo Caminho Novo (atual rua Voluntários da Pátria). Ao sul, as primeiras quadras da rua General Salustiano (atual avenida Getúlio Vargas) foram tomadas de águas. Além disso, o recém criado serviço de bondes ficou comprometido, tendo várias de suas linhas interrompidas.

Em 1926, a chuva de dezesseis dias consecutivos resultaria em mais de quarenta ruas alagadas, invadindo o prédio da estação férrea, o bairro Praia de Belas e a zona norte “provocando o fechamento de grandes fábricas, como a Walter Gerdau, a rio Guahyba, a Companhia Fabril Porto-alegrense e a Bromberg” (Idem: 24). Em setembro de 1928, novamente, quatorze dias de chuvas ininterruptas, cem ruas alagadas e trinta mil pessoas desabrigadas, atingindo a usina do Gasômetro e deixando milhares sem energia elétrica, além de atingir a hidráulica municipal, misturando a água distribuída com o esgoto cloacal, resultando em uma epidemia de tifo.

Em 1936, foram 16 dias de chuvas consecutivas, deixando sob águas os bairros Navegantes, Ilhota, Menino Deus e Várzea do Gravataí. Vinte mil pessoas precisaram abandonar suas casas. Em 1967, a situação foi parecida. Dessa vez os moradores das vilas Elizabeth e Nova Brasília seriam os mais atingidos, em virtude de suas habitações serem em terrenos alagadiços, mesmo a cidade já tendo dois diques. As águas invadiram as ruas e deixaram dezenas de pessoas sem luz e telefonia, interrompendo o funcionamento da hidráulica São João, o que cortou o fornecimento de água para cinco mil pessoas.

Na enchente de 1967 a UFRGS mandou técnicos, enfermeiros, médicos para ajudar, o Bandeira (encarregado da guarda) pediu ajuda no serviço de guarda, eu ficava tomando nota das entradas nos armazéns de mercadoria de alimentos, higiene pessoal, entre outras coisas. O exército e a brigada montaram cozinhas...a água não atingiu os armazéns do porto que eram atrás do quartel general do exército que era onde foram montados os abrigos, esses armazéns eram mais altos ficavam um 70, 80 centímetro de altura do chão. O pessoal não tinha abrigo, a maioria das pessoas eram das ilhas, essas que conheci, mas acontece que tinha gente também da rua Voluntários da Pátria, da rua do Parque, da Frederico Mentz, encheu inclusive a estação férrea, as linhas ficaram cobertas de água...mas a de 41 (enchente) foi muito pior, principalmente em extensão.

(Everton. Transcrição do áudio enviado por aplicativo de celular, 2021)

Nenhuma das enchentes citadas anteriormente foi tão arrasadora quanto a de 1941⁴⁹. Segundo Guimaraens (Ibid.), os 22 dias de chuva resultaram em números catastróficos para a população porto-alegrense: 15 mil residências inundadas, atingindo 70 mil pessoas, principalmente na zona norte da cidade. Estima-se que 200 indústrias tenham ficado alagadas, tendo o parque industrial localizado na zona norte da cidade ficado sob águas. As grandes

⁴⁹ Em 2021 a enchente de 41 completou 80 anos resultando com uma série de reportagens dos jornais da cidade.

indústrias da cidade - como Renner, Gerdau e Fiateci - paralisaram suas atividades. Só na Renner, mais de 2 mil operários ficam sem trabalho. Os serviços públicos conforme a água ia subindo foram parando de funcionar, o que deixou o Cais do Porto e a Estação Férrea embaixo d'água. Na época, canoas e chalanas foram utilizadas para o transporte, inclusive de passageiros, sendo utilizadas como leito a avenida Júlio de Castilhos e a rua Voluntários da Pátria.

Tinha uma placa de uns 10 centímetro por 3 na esquina do mercado público marcando os limites da enchente no mercado, na entrada da esquina com o largo Glênio Peres e a prefeitura velha, tinha essa marca lá que já não existe mais hoje pelo que eu saiba... Todo mundo que nasceu em 41 era tido como “o abobado da enchente” foi uma expressão que usaram muito na época, essa era uma brincadeira que acontecia... No armazém do Porto que meu avô trabalhava, encheu de água, ele comentava que houve um acidente muito feio entre dois barcos (eram barcos a querosene) na praça da Alfândega com a rua Uruguai... A água chegou até a rua da Praia, invadiu onde hoje é as lojas Americanas, que na época tinha um restaurante ali, foi por abril ou maio se não me engano

(Everton. Transcrição do áudio enviado por aplicativo de celular, 2021)



Imagem 17: 1) Estação férrea Castelinho na enchente de 1941⁵⁰ 2) Barco na enchente de 1941 ao fundo Mercado Público⁵¹ 3) Avenida Eduardo (atual avenida Presidente Franklin Roosevelt) na enchente de 1928⁵² 4) Rua Voluntários da Pátria na enchente de 1941⁵³ 5) Igreja Nossa Senhora dos Navegantes na enchente de 1941⁵⁴ 6) Fábrica de Móveis Gerda na rua Voluntários da Pátria na enchente de 1941⁵⁵ 7) Moinho Rio Grandense na enchente de 1928⁵⁶



⁵⁰ Autoria: desconhecida. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

⁵¹ Autoria: desconhecida. Autoria: desconhecida. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

⁵² Autoria: desconhecida. Fonte: Acervo Benno Mentz - Delfos PUCRS. Fundo de Origem: Acervo Biev.

⁵³ Autoria: Sioma Breitman. Fonte: Acervo Fototeca Sioma Breitman - Museu Joaquim Felizardo. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

⁵⁴ Autoria: desconhecida. Fonte: Acervo Benno Mentz - Delfos PUCRS. Fundo de Origem: Acervo Biev.

⁵⁵ Autoria: desconhecida. Fonte: Acervo Benno Mentz - Delfos PUCRS. Fundo de Origem: Acervo Biev.

⁵⁶ Autoria: desconhecida. Fonte: Acervo Benno Mentz - Delfos PUCRS. Fundo de Origem: Acervo Biev.



Imagem 18: Da esquerda para a direita: 1) Vista do quarto 48 do hotel Rodoviária, fevereiro de 2013⁵⁷ 2) Rua Ernesto Alves da garagem do hotel Rodoviária, fevereiro de 2013⁵⁸ 3) Rua Ernesto Alves da garagem do hotel

⁵⁷ Autoria: Guido Jacó Hilgert. Fonte: Acervo pessoal Guido Jacó Hilgert. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

⁵⁸ Autoria: Guido Jacó Hilgert. Fonte: Acervo pessoal Guido Jacó Hilgert. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

Rodoviária, fevereiro de 2013⁵⁹ 4) Porta de entrada do hotel Rodoviária para a rua Voluntários da Pátria, fevereiro de 2002⁶⁰ 5) Água a chuva sendo puxada de dentro do hotel Rodoviária, fevereiro de 2002 6) Esquina da rua Voluntários da Pátria com a rua Ernesto Alves, fevereiro de 2002⁶¹ 7) Vista da fachada do hotel Rodoviária e ao lado a sacaria, fevereiro, 2002. ⁶²

3.3 É só chover que alaga: a repetição dos excessos das águas

15 de dezembro de 2020

Essa foi a primeira vez que voltei ao hotel Rodoviária após a morte de Guido. Por conta da pandemia, nos últimos meses conversava com Nadir pelo whatsapp, fazia caminhadas pela região, mas combinar de me encontrar parecia pouco razoável. Pelo contrário, era inviável e perigoso. Fui dessa vez, porque precisava pegar parte do acervo de fotografias de Guido e avançar com questões em minha pesquisa.

Cheguei na rua Ernesto Alves e entrei pela garagem. Débora, filha de Nadir, também estava lá. Ficamos em espaço aberto no fundo do prédio, sentadas em cadeiras distantes sem retirar as máscaras e conversando um pouco. Nadir me contou como estava, andamos pelo prédio e percebi as reformas em andamento para a reabertura do hotel, seu irmão estava cuidando disso e ia começar a gerenciar o lugar.

Apesar das mudanças ocorrendo no interior daquele prédio, nem tudo estava diferente. Me deparei com espaços idênticos de quando havia entrado ali pela primeira vez. Me emocionei com a recepção vazia e ganhei um abajur verde.

Voltamos para as cadeiras e conversamos sobre a pilha de fotos, eu perguntava sobre as imagens, as lembranças apareciam, lia as inscrições de Guido no verso de cada foto, indicando o caminho. A maioria das imagens tem data, ele mesmo catalogava seu acervo pessoal, pensava que era no mínimo engraçado ver a organização de Guido enquanto em casa sofria para organizar em pastas no computador o acervo de minha pesquisa.

Se as duas primeiras fotografias da Voluntários alagada tinham me despertado tanto interesse, agora tinha o prato completo dos muitos outros registros.

Essa daqui do hotel com água dentro é impressionante, eu expressei.

⁵⁹ Autoria: Guido Jacó Hilgert. Fonte: Acervo pessoal Guido Jacó Hilgert. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

⁶⁰ Autoria: Guido Jacó Hilgert. Fonte: Acervo pessoal Guido Jacó Hilgert. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

⁶¹ Autoria: Guido Jacó Hilgert. Fonte: Acervo pessoal Guido Jacó Hilgert. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

⁶² Autoria: Guido Jacó Hilgert. Fonte: Acervo pessoal Guido Jacó Hilgert. Fundo de Origem: Acervo dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

Nadir então responde:

- Deu chuva grossa sim, deu bastante chuva, daí veio a baixo o telhado, e todo hotel alagou, de cima até embaixo saiu água, as meninas na foto tão puxando água adoidado

Pergunto pra Débora se ela se lembra também e ela responde:

- Eu lembro de ter visto mais de uma vez umas boas enchentes, as pessoas andavam na rua aqui na frente com água no meio da canela, teve uma vez que a gente até fez uma barricada na porta pra não entrar água
- Mas chegou a entrar? pergunto novamente.
- Entrava sempre um pouquinho quando os ônibus passavam, diz Débora.

Converso com elas sobre os pontos de alagamentos na Voluntários, que vira e mexe quando tem chuva aparecem, e que estava pensando no que foi feito e não foi feito para que esses acontecimentos se repetissem. Nadir me interrompendo responde:

- Eles só não fazem o caimento das ruas e não limpam as bocas de lobo...

Nadir conta dos carroceiros que levavam o material reciclado pra lá, enchiam a rua de sacos de lixo por conta dos galpões de reciclagem na região, e por conta disso muitas vezes a rua alagava e ninguém limpava depois:

- Isso foi antes de 95 eu acho, antes da Débora nascer, eles andavam de cavalo ali, os carroceiros vinham do centro e puxando as coisas pra cá(...) aí começou um negócio com político por conta dos cavalos, tiraram os cavalos, e daí começaram só as pessoas a puxar os carrinhos, agora não tem quase nenhum, na época era cheio, eles vinham do centro pra cá porque aqui era lugar de reciclagem

E Débora complementa:

- E depois parou um pouco quando a vila dos papeleiros pegou fogo, daí fizeram as casas ali e quando fizeram ficou um bom tempo tranquilo, mas depois começou novamente e até agora tem os catadores ali...

Enquanto Nadir sai pra atender o telefone pergunto pra Débora se ela acha que são os materiais recicláveis na rua que fazem com que se tenha alagamento, e ela responde:

- Eu acho que isso atrapalha um pouco, mas o problema mesmo é a questão do saneamento, tem um detalhe que antigamente, eu me lembro aqui, nossos bueiros tinham grade, não entrava lixo pra dentro, não tem como escoar a água com lixo dentro, porque daí transborda, fica tudo boiando. Mas os papeleiros vieram pra contribuir e a prefeitura também não faz o papel de limpar. Tu vê, a rua Gaspar Martins, ela sempre

alaga, essa aqui (a Ernesto Alves) alaga sempre também, tu vai ver, enche de água ali, entra do bar... A Voluntários enchia quando eu era pequena a água chegava até o Joelho, esses alagamentos grandes aconteciam quando a gente ainda morava aqui, a Rodoviária também enche bastante ali...

Comento que no domingo tinha dado uma chuva intensa e tinha ficado assustada com o tanto de água que tinha caído, Nadir, que já tinha voltado, responde:

- No domingo eu tava em casa, eu moro lá em cima no morro Santa Tereza, eu ganhei um medo, porque eu fui descansar tava preto, de lá eu vejo pra baixo quase todo guaíba, e trovejava e escurecia cada vez mais e de repente veio vento, vento, vento, eu corri fechar todas as janelas, balançava tudo, chuva grossa.

Débora dando risada diz:

- Do lado dela faltou luz e lá do meu faltou água...

Nadir continua:

- Do morro descia água, parecia cascata, porque alagou ali embaixo, falou na televisão, ali na frente do Mãe de Deus, em frente ao hospital tava alagado.

Pergunto se ela chegou a vir pra esses lado no dia e Nadir responde:

- Não, mas a minha vizinha que mora aqui disse que tava alagado toda a rua, mostrou na televisão a rodoviária que também tava alagada, vindo no viaduto, ali no comecinho, tava tudo alagado, é que aqui, depois que fizeram essa rua (apontando pra Ernesto Alves), ela não era assim altinha, eles ergueram ela, por isso que também vai mas não vai tão ligeiro pra encher...mas olha lá tudo entupido, fechado, o menino da igreja tá tirando a sujeira do bueiro ali, e é só lixo.

Débora prossegue:

- Aqui uma vez o pai ligou pra Dmae dizendo que esses bueiros da rua estavam entupidos, mas eles diziam que não iam fazer limpeza, daí a gente aqui do hotel limpava, levantava a tampa e limpava, um tanto de terra e lixo saia.

Nadir complementa:

- A prefeitura não faz, eles cortam grama, podam árvore, mas eles tinham que investir na limpeza dos bueiros, porque tá cheio de sacola, garrafa plástica, lixo...

Débora relembra um momento de 2018:

- Teve uma vez que choveu bastante aqui, chovendo durante a noite, o Antonio que tava aqui e ia trocar de turno (funcionário do hotel), disse que era saco de lixo boiando,

tava cheia a rua e os lixos indo de um lado pro outro, depois quando parou a chuva e conseguiu escoar, daí apareceu um monte de saco de lixo no meio da rua....

- Essas coisas a prefeitura tinha que pôr na cabeça tem que fazer seguidamente, em todos os bairros limpar as bocas de lobo, bueiro, se ta estragado tem que arrumar, diz Nadir.

Débora:

- A limpeza de bueiro a gente não vê, mas nas ruas com recolhimento de lixo...

Nadir:

- E olha só o menino ali, tá fechado de terra a boca de lobo, olha só todo fechado de terra, acumulou terra, sujeira, um pouquinho hoje um pouquinho amanhã e vai indo, se a boca de lobo tá limpa, se eles limpam a cada seis meses não dá isso que tá acontecendo....tem que ser a cada seis meses, uma vez por ano, eu nunca vi eles limparem aqui, eu nunca vi.

Débora:

- A gente pede pro Dmae e nada acontece...

Nadir:

- Mas a gente paga água pro Dmae...eles tão fazendo uma obra ali pra frente, todo o dia de manhã vem água barrenta, devia nem pagar água e a gente paga caro, e é uma água assim, amarela (...) Eles tão em obra ali na frente, deve ser por isso que a água tá vindo assim, é um lodo amarelo.

Débora:

- O Dmae mesmo falou que tão fechando as ligações antigas e abrindo novas...

Nadir:

- Ah sim, daí o barro tá no cano velho...

Débora:

- Mas isso tá a bastante tempo acontecendo!

Diário de Campo





Imagem 19: Fotografias de campo 15.12.2020⁶³

3.4 Os excessos das águas: em busca de uma memória ambiental

Atualmente, como consta no site do DEP⁶⁴, a cidade de Porto Alegre está protegida contra inundações por um sistema de 68 quilômetros de diques e 14 comportas⁶⁵, além de mais de três mil quilômetros de redes, canais, galerias, condutos forçados, valos e arroios que integram o sistema de drenagem pluvial da cidade. Para ser possível que as águas pluviais e esgotos passem pelo sistema de proteção contra inundações e cheguem até os rios, principalmente quando o nível da água se encontra elevada, é utilizado um sistema de bombeamento composto por 19 Casas de Bombas, responsáveis pela drenagem da água da chuva, a fim de evitar o retorno das águas, e o transbordamento de canais, bocas-de-lobo e poços-de-visita da cidade.

⁶³ Autoria: Camila Braz da Silva. Fundo de origem: Dissertação Camila Braz da Silva, 2021.

⁶⁴ Informação extraída do Departamento de Esgotos Pluviais da Prefeitura de Porto Alegre responsável pela drenagem pluvial urbana. Link: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/dep/default.php>. Acessado em: 4 de setembro de 2020.

⁶⁵ Incluindo também o Muro da Mauá “com três metros abaixo do solo e outros três acima dele, os 2.647 metros de comprimento e seis de altura do Muro de concreto armado é responsável por proteger alguns dos principais equipamentos públicos da área central, como a Prefeitura, o prédio dos Correios e Telégrafos, a Secretaria da Fazenda do Estado, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, entre outros. Situado às margens do Guaíba, entre o Porto e a Av. Mauá, ele faz parte do Sistema de Proteção Contra Cheias”. Informação extraída do site do Departamento de Esgotos Pluviais (DEP). Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/dep/default.php>. Acesso em: 20.03.2021.

Segundo FEPAM (Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler - RS)⁶⁶, as águas dos rios Gravataí, Sinos, Caí e Jacuí desembocam no Delta do Jacuí, formando o rio Guaíba, que banha os municípios de Porto Alegre, Eldorado do Sul, Guaíba, Barra do Ribeiro e Viamão. O lançamento de esgotos em Porto Alegre e as águas poluídas dos rios Gravataí e Sinos são os principais impactos ambientais. O contingente populacional e a concentração industrial na região metropolitana de Porto Alegre e Caxias do Sul refletem os problemas ambientais da região, sendo eles os esgotos domésticos, os resíduos industriais, o lixo domiciliar e a poluição do ar por fontes industriais e veiculares.

Outra importante consideração a se fazer é sobre o arquipélago formado por meio do acúmulo de sedimentos transportados pelos rios Gravataí, Caí e Sinos, ocupando parte da área que compõe o Delta do Jacuí (MENEGAT; KIRCHHEIM, 2006). O conjunto de 16 ilhas tem jurisdição de Porto Alegre e se localiza na área frontal da cidade, em que as cheias marcam a sua história e constroem modos de vida e relações de interação e sociabilidade distintas com o meio. Essa relação do arquipélago com as regiões das bordas de Porto Alegre consiste também no compartilhamento da Bacia Hidrográfica Lago Guaíba.

Em relação às terminologias técnicas⁶⁷ diferenciando enchentes, inundações e alagamentos, cabe ressaltar a peculiaridade de cada fenômeno. Em termos simplificados, a enchente é o aumento do nível da água até seu leito menor (às margens do rio) e não necessariamente transborda, seguindo seu curso natural. A inundação, por sua vez, caracteriza-se pelo aumento do nível da água que ultrapassa o leito menor e atinge o leito maior (planície de inundação ou várzea). As planícies de inundação são necessárias nos períodos de cheias para que se tenha um equilíbrio hidrológico, uma vez que essa região adjacente estabiliza o curso das águas.

Tanto enchente quanto inundação são conceitualizações diferentes que popularmente causam confusão ou são reconhecidas como a mesma coisa. Os alagamentos, por sua vez, são acúmulos de águas nas ruas através de problemas com a drenagem urbana, ressaltando alguns desses problemas como as chuvas intensas, o tipo de impermeabilização do solo, lixo nos bueiros, entre outros. As enchentes e as inundações causam alagamentos, mas nem todo alagamento deriva de enchentes ou inundações.

⁶⁶ Informação extraída no site da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (FEPAM). Disponível em: <http://www.fepam.rs.gov.br/qualidade/guaiba.asp>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

⁶⁷ Para melhor entendimento dessas distinções, contei com a ajuda da engenheira hídrica e de segurança do trabalho Julia Machado Pelegrini.

Na tese *A 'questão ambiental' sob a ótica da antropologia dos grupos urbanos, nas ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS*, Rafael Devos (2007) aborda as transformações nas visões de mundo a partir de narrativas e práticas cotidianas presentes nos habitantes situados à margem da água nas ilhas do Delta do Jacuí. As situações de conflitos de usos de terras e águas aparecem presentes na memória coletiva das ilhas e das transformações na paisagem alagadiça, que é constantemente atravessada por enchentes. Apesar das características específicas que distinguem a ocupação das ilhas e da zona norte da capital, como proporção do desenvolvimento urbano industrial, é possível traçar aproximações no que tange aos usos dos espaços naturais em meio urbano e à estruturação e reestruturação da malha urbana (nos quais destaco a abertura de grandes vias, aterros, construção de diques, casas de bombas, pontes e estradas) que produzem diferentes arranjos dentro das especificidades do ambiente. A cidade de Porto Alegre, por ter uma formação geológica de península, é constituída por núcleo urbano que estrutura sua direção de expansão em sentido radial, a partir da área central (FARINON, 2015). Os eixos norte e sul da cidade acompanham essa estruturação pela margem do rio Guaíba, paisagem que é constituída tanto pelo seu ecossistema quanto pelas intervenções que nela são feitas, como é o caso do avanço da cidade sobre as águas (OLIVEIRA, 2018)⁶⁸. Cabe ainda ressaltar que as modalidades de ocupação dos aterros da zona sul e zona norte são completamente distintas, a exemplo das últimas obras na orla sul da cidade, que abrange tanto grandes empreendimentos como áreas de lazer na margem do rio⁶⁹.

Neste sentido, em contextos de sociedades complexas (VELHO, 2003) a dimensão conflitiva (SIMMEL, 2004) aparece tanto nas transformações urbanas impostas ao território quanto nas dinâmicas cotidianas em que confrontam diferentes visões de mundo sobre o ambiente, produzindo formas de viver e de pensar a cidade. Os riscos (BECK, 1999) dos excessos de águas na malha da urbe estariam em relação direta com questões éticas de compreensão desse fenômeno a partir do Estado e das políticas de saneamento, dos corpos técnicos que definem medidas de segurança para a gestão das águas urbanas e por fim das

⁶⁸ Segundo Oliveira (2018), desde 2001, a UNESCO (através do programa MaB – Man and Biosphere) considera a cidade um sistema ecológico, percebendo a relação entre as necessidades humanas e os ecossistemas que nos tornam dependentes da saúde desses: “temperatura, pluviometria, natureza do solo, presença de água e recursos. Por isso, a biodiversidade é base para a vida no planeta, para a produção do ar, proteção e regulagem da quantidade e qualidade de água, umidificação da atmosfera, estabilização das margens de rios e encostas, abrigo para fauna e a presença da flora “ (Ibid, p. 39-40). Neste sentido, há necessidade de se pensar um planejamento urbano ecossistêmico englobando os sistemas naturais ecológicos integrados ao contexto sociocultural da cidade, afirma a autora.

⁶⁹ A tese de Soares (2014), intitulada *O território da Orla: Antropologia dos Conflitos territoriais urbanos e memórias ambientais em Porto Alegre, RS*, é um exemplo dessas intervenções na orla sul ao trabalhar com os conflitos territoriais no processo de transformação da paisagem urbana por meio de projetos urbanísticos realizados e implementados no bairro Cristal e suas adjacências.

peessoas que experienciam esses excessos no cotidiano. Ainda sobre o risco (ou perigo), Douglas (1976) nos aponta como o tema está ligado a uma dimensão moral, como é o caso da sujeira que fica depois dos acúmulos de água (entre barro, terra e lixo e doenças), um produtor de limites morais do que é ou não aceitável para determinados grupos urbanos.

Sendo assim, ao assumir o pressuposto de etnografia da duração que norteia este trabalho (ECKERT, 2013), o que me interessou foram as "conexões diferenciadas que as pessoas estabelecem entre “tempos” diversos da trajetória ambiental da região” (DEVOS, SOARES, ROCHA, 2010, p. 54) nas quais as narrativas sobre esses lugares percebem rupturas, fins, começos e recomeços da incidência das águas em suas mais variadas intensidades no 4º distrito. A pesquisa sobre memória no meio urbano não é um mero registro do passado, mas sim uma reflexão sobre a duração (ECKERT; ROCHA, 2005). Logo, a investigação da memória ambiental urbana se constrói como uma forma de compreender:

as transformações na paisagem e diversidade de itinerários de sua população, refletindo sobre os arranjos entre cidade e natureza, rompendo com um discurso homogêneo da de degradação ambiental enquanto consequência geral da urbanização cuja resposta estaria numa solução tecnológica (DEVOS, SOARES, ROCHA, 2010, p. 54)

Em consonância com as dinâmicas de risco, as águas no 4º distrito da cidade ganham um caráter rítmico, exigindo o movimento de descida ao ordinário para que se possa pensar a vida moral e ética pelas lentes do comum (DAS, 2015), ou seja, como as pessoas estão no mundo em relação às águas urbanas. Se não há dúvidas de que o comum/cotidiano se forma a partir das nossas ações e decisões éticas, discutir os contornos de nossas vidas no convívio de alegrias e tristezas, fragilidades e vulnerabilidades que o cotidiano acarreta, nos recorda que mesmo nos momentos mais extraordinários todos os tipos de coisas ordinárias precisam continuar a acontecer (Ibid).

No próximo capítulo apresento os interlocutores dessa história, que ao longo dessas páginas trouxeram suas narrativas e impressões sobre os fenômenos da cidade. Nessa descida ao ordinário, vamos conhecer Guido, o dono do hotel Rodoviária, Nadir, sua esposa e companheira de trabalho no hotel, e Everton, um senhor de 80 anos que conheci pelo aplicativo de troca de mensagens.

4. MEMÓRIAS DE HABITAR ÁGUAS

4.1 Compartilhar águas: a vibração da memória coletiva

Não se constrói uma lembrança sozinha/o, já diria Halbwachs (2004) ao nos apresentar a memória coletiva como um processo narrativo de construção do mundo social. É através de um emaranhado de pensamentos coletivos que se compõem nossas narrativas biográficas. A potência da memória coletiva reside exatamente na constituição desse entrelaçamento de algo que é compartilhado, comum, para além das memórias individuais.

Neste trabalho, apoiada pela etnografia da duração (ECKERT; ROCHA, 2013a) fiz o exercício de lançar fios e construir emaranhados através das minhas narrativas como antropóloga da/na cidade, de meus interlocutores, de viajantes de outros tempos, de pesquisadoras e pesquisadores de tempos não tão outros assim, e das fotografias e iconografias que ocupam acervos e imaginações.

As narrativas de meus interlocutores construídas ao longo do trabalho recontam e remontam suas experiências sobre a rua Voluntários da Pátria, a região do 4º distrito associado às águas do rio Guaíba e as águas que se excedem na malha da cidade. Elas versam sobre as formas de sociabilidade, os itinerários urbanos, as trajetórias sociais e os ritmos temporais produzindo novas histórias sobre a cidade moderna em seus territórios (Ibid.).

Porém, engana-se quem busca linearidade nessas constituições de espaço-tempo, o que encontramos aqui são arranjos entre o tempo pensado e o tempo vivido a partir do fragmentos da memória (Ibid.). Esse processo intersubjetivo de compreensão, entendimento e acomodação dos eventos na urbe tensionam o “fato histórico” ou o “fato natural” e produzem outras formas de se pensar as transformações urbanas em relação a eventos climáticos e transfiguração de ecossistemas inteiros (ROCHA, CERVO, BRAZ, 2020).

4. 2 Itinerários urbanos: os sujeitos personagens do meu 4º distrito

Guido Joco Hilgert

Conheci seu Guido no ano de 2015, em frente ao hotel Rodoviária, um prédio emblemático de fachada tombada que ocupa a esquina da rua Voluntários da Pátria com a rua Ernesto Alves. Era mais um dia de obras da fatídica duplicação da rua Voluntários, ainda por conta da Copa do Mundo FIFA 2014. Já em nosso primeiro encontro fizemos uma entrevista sobre o ramo hoteleiro da região e as consequências que aquelas obras traziam para o comércio.

Em seu discurso cheio de datas e alegações, apresentava o prejuízo que o hotel estava sofrendo com a sensação de medo e de insegurança por conta da presença de papeleiros e de usuários de drogas em tom denunciativo, além claro, da demora da execução das obras que se arrastavam por anos. Pouco tive que perguntar, já que seu Guido mostrou sua perspectiva em relação às transformações nas paisagens da região ao longo do tempo com uma facilidade invejável. Desde aquele momento, segui conhecendo suas histórias sentada na mesa redonda da portaria do Hotel Rodoviária junto. Algumas dessas histórias fizeram parte também de meu trabalho de conclusão de curso. Ganhei um amigo.

No final do primeiro ano do meu mestrado, em 2019, Guido faleceu. Soube só alguns meses depois e sua partida me comoveu profundamente. Esse senhor gostava de fazer registros fotográficos e anotava no verso de cada foto em próprio punho a situação do ocorrido da imagem. Esse acervo é propulsor deste trabalho, e segue me ajudando a imaginar a cidade que tento desvendar. Sigo organizando o acervo pessoal de Guido, para que outras pessoas tenham a possibilidade de conhecer a rua Voluntários da Pátria através de seus olhos. E através de Nadir, sua esposa, continuo conhecendo quem era ele.

Natural de Harmonia, município a 64 quilômetros da capital, filho mais novo de pai e mãe comerciantes, Guido nasceu em 1942 e viveu a primeira infância ainda na colônia. Por volta dos 14 anos, como seus dois irmãos já haviam feito, veio para a região metropolitana dar continuidade aos estudos, primeiro em São Leopoldo e depois no colégio Rosário. Se formou, por fim, em Economia na PUCRS. A história de Guido se assemelha a muitas histórias de famílias que moravam em pequenas cidades de colonização alemã (como Harmonia) ou italiana do interior do estado. São histórias nas quais os filhos ou os “filhos dos filhos” dos “colonos” vieram para Porto Alegre almejando melhores possibilidades de estudos e trabalho. Guido trabalhou como vendedor por um tempo, depois no Moinho Germani, no bairro Floresta. Quando terminou a faculdade de economia começou a trabalhar como gerente no City Hotel (da família Kessler, donos de arrozeiras por todo Rio Grande do Sul), posto no qual permaneceu por três anos. Foi também gerente do hotel Embaixador por mais um ano e meio. Depois, foi ainda gerente de uma firma comercial que vendia equipamentos e sementes.

Por volta de 1976, comprou um restaurante na Júlio de Castilhos, localizado abaixo do hotel Erechim, da família Zaffari. Quando vendeu o restaurante, em 1977, alugou a parte de cima do prédio do que se tornaria o hotel Rodoviária, localizado na rua Voluntários da Pátria, onde começou um pequeno hotel. Na parte de baixo do prédio, um tempo depois, teve uma churrascaria chamada Rodoferroviária. Passado alguns anos, essas duas partes se integrariam para receber os hóspedes do que ainda é hoje o hotel Rodoviária. Guido sempre esteve envolvido em sindicatos, sociedades culturais e cooperativas, desde o tempo em Harmonia. Em Porto Alegre foi participante ativo até seus últimos dias do *Sindicato de Hospedagem e Alimentação de Porto Alegre* (SINDHA) como também da *Associação dos Empreendedores da Região da Estação Rodoviária de Porto Alegre-RS*.

Guido se casou duas vezes. Teve quatro filhos.

Essas e outras narrativas compõem o corpo deste texto.

Nadir Filomena Weber

Conheci Nadir no mesmo dia em que conheci Guido, dentro no hotel Rodoviária, enquanto ela trabalhava atrás do balcão na recepção. Eu e meus colegas naquele momento fazíamos perguntas para Guido sobre as obras que ocorriam em frente ao seu hotel. Naquele dia mal nos falamos. Retornei inúmeras vezes e várias dessas Nadir me recebia, sempre atenta às conversas que tinha com Guido, mas muito reservada. Quando se sentiu à vontade comigo, ajudava seu Guido nas lembranças, coisa que recorrentemente ele fazia pedindo para ela uma confirmação do que ele estava falando. Adorava ver a cena de quando eu perguntava algo e os dois começavam a conversar entre eles, um questionando o outro sobre as armadilhas da memória. Nadir e Guido eram casados e nos últimos vinte e seis anos se acompanhavam na vida e na gerência do hotel, hotel esse que por muito tempo foi a casa deles.

Depois do falecimento de Guido, me aproximei mais de Nadir, nos falamos com considerável frequência. Justamente ela que na primeira vez em que vi as fotografias de Guido teve certa resistência quando ele falou sobre me emprestá-las, hoje deixa sob meus cuidados boa parte do acervo fotográfico deles. Em 2020, conversamos por duas vezes de máscara no pátio dos fundos do hotel (que atualmente é gerenciado por seu irmão e mais dois funcionários), das outras tantas nos limitamos aos aplicativos de celular.

Nadir nasceu em Seara, cidade do interior de Santa Catarina, no ano de 1963. Seus pais eram agricultores, tinham plantações e animais. Ela, os pais e os treze irmãos trabalhavam na roça. Com 23 anos, Nadir foi morar e trabalhar em uma casa de uma família como babá, primeiro em Chapecó e depois em Concórdia. Em uma de suas férias, momento em que ia visitar os pais, conheceu Guido, que também estava na casa de parentes nas redondezas. Foi paixão à primeira vista, como ela diz. Logo eles começaram a trocar cartas, telefonemas, até que ele a convidou para conhecer Porto Alegre, conhecer seus pais e dar um passeio pela serra, visita que fez com sua irmã. Nadir conta que quando chegou em Porto Alegre achou a cidade horrível e pior ainda a rua Voluntários da Pátria, que tinha muito lixo e prostitutas caminhando. Divorciado na época, Guido pediu a mão de Nadir em casamento para os pais dela e em outubro de 1993 foram morar juntos no hotel. Ela trabalhava no hotel e ainda fazia coisas de dona de casa. Construiu uma vida ali. Desse relacionamento teve dois filhos, Débora em 1996 e Peter em 2000, que faleceu três anos depois.

Nadir presenciou inúmeras vezes os alagamentos da rua Voluntários da Pátria, alguns dos quais ela tem registros fotográficos. A água vinha até a porta de entrada do hotel (que era um pouco mais elevada justamente por conta disso), e às vezes até entrava. Hóspedes e funcionários ficavam esperando a água descer, uma hora e meia ou duas após chuva. Quem quisesse sair mesmo com a rua cheia de água, me contou ela, colocava a sua conta em risco. Na rua Ernesto Alves, lateral ao hotel onde fica o portão do estacionamento, por qualquer chuva a água já entrava, nem precisa ser tão forte. Quando a água baixava era barro e lixo que se encontrava por ali.

Essas e outras narrativas compõem o corpo deste texto.

Everton da Silva Bueno

Conheci Everton por Whatsapp no início de março de 2021. Essa foi a realidade pandêmica do distanciamento social que acompanhou e acompanha nossos contatos. Na verdade, conheci seu filho Fábio antes, já que ele divide comigo a orientação da professora Ana Luiza. Fábio faz mestrado no Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH), e desde o ano de 2020 fazemos parte de um grupo de whatsapp das orientandas e orientandos da professora chamado “Águas”, nome sugestivo que me junta a engenheiras e engenheiros sobre um tema comum que atravessa nossos trabalhos. Acompanhei o grupo em reuniões e sempre que surgiam questões interessantes relacionadas a nossos temas, compartilhávamos por ali. Um dia ouvi um áudio do

seu Everton sobre algumas fotos antigas da cidade que seu filho lhe mostrou e fiquei impressionada com os relatos. Ana já havia me indicado uma conversa com ele.

Falei com Fábio sobre o interesse de conhecer seu pai e ele prontamente me passou o contato de Everton, um senhor muito simpático e solícito, no auge de seus 79 anos. Mandeí uma mensagem perguntando se podíamos conversar em algum momento e no mesmo dia ficamos quase duas horas ao telefone por ligação no aplicativo. Me lembro de Everton dizendo *se não tivesse essa pandemia eu poderia te mostrar esse lugar e esse outro e esse outro*. A ligação me deixou extasiada pelas histórias, minhas anotações só descreviam como havia sido o encontro: uma folha A4, escrita a caneta bic cheia de palavras-chaves e setas que se cruzavam, rabiscos, anotações sobre as anotações, frases soltas, desenhos. Um percurso cartográfico de um fragmento da memória de Everton. Idas e voltas, piruetas no tempo com habilidade e descontinuidade. Fiquei curiosa e confusa, precisava fazer mais perguntas. Ao mesmo tempo, experimentava as consequências de minha participação e formação continuada no núcleo do Biev, a imersão em acervos de imagens me dava um suporte melhor para acompanhar Everton e suas lembranças, assim como os trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores que por ali passaram e me fizeram conhecer fragmentos da cidade por outros olhares.

Everton é um narrador nato da cidade, o segundo que conheço.

Desde então trocamos mensagens por whatsapp, ligações e mensagens de áudios. Sigo esperando a possibilidade de conhecê-lo pessoalmente, se possível caminhando por esses lugares dos quais tanto falamos.

Nascido no dia 22 de maio de 1942, Everton foi o primeiro filho de sua mãe que veio ao mundo em casa, graças a uma parteira. Filho de pai militar da brigada, se mudou algumas vezes para outras cidades do estado, como Montenegro e Vacaria, por conta do trabalho de seu pai. Retornou para Porto Alegre no final do ano de 1948, lembrança marcada pela proximidade do nascimento de seu irmão mais novo. Morou nos bairros Glória e Cascata na infância. Depois de casado, em 1968, foi morar na Avenida Ipiranga para poder ir de condução ao trabalho. Teve quatro filhos.

Foi servidor público de carreira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalhou na Escola de Educação Física desde 1963, inclusive nos Jogos Mundiais Universitários (Universiade) daquele mesmo ano. Em 1972, foi para o Instituto de Biociências, atuando no departamento de microbiologia, e depois até sua aposentadoria como secretário do

próprio Instituto. Sua formação foi pela Escola de Educação Física do Exército como técnico em instalações desportivas. Em 1992, se aposentou da UFRGS e voltou a trabalhar com Beto Carrero, idealizador do parque temático Beto Carrero World, localizado no litoral norte de Santa Catarina. Foi encarregado de compra de material e das contratações de mão de obra artística no exterior até 2008, ano da morte de Beto Carrero.

Everton viveu sempre na cidade de Porto Alegre, não exatamente no 4º distrito, mas conheceu a rua Voluntários da Pátria quando garoto. Com seus 12 anos, era levado pelos tios e sabe de boas histórias de lá. Quando menino acompanhava o avô materno, que trabalhava como inspetor de saúde (químico prático de profissão) no Cais do Porto - Armazém C2, e por vezes passava o dia com ele. No trabalho, seu avô avaliava toda mercadoria perecível que chegava por barcos e junto à estação férrea da Voluntários. Já adulto, trabalhando na UFRGS, foi enviado, assim como outros técnicos da Universidade, para ajudar na enchente de 1967, trabalhando nos armazéns que abrigavam as pessoas em situação de vulnerabilidade pelo ocorrido.

Essas e outras narrativas compõem o corpo deste texto.

5. MERGULHANDO ENTRE AS IMAGENS DA REGIÃO NORTE DA CIDADE: A PRODUÇÃO DE COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS

5.1 A etnografia da duração começa pelos acervos

Toda imagem nos oferece algo para pensar (SAMAIN, 2012). Em seus mais variados suportes - sons, vídeos, desenhos, fotografias, iconografia - sua potência reside exatamente em nos afetar sensorialmente, suscitar ideias. Essa reação às imagens não distingue pessoas, e cada uma a seu modo vai produzindo suas interações. Para Samain (Ibid.), longe de ser uma abstração, a imagem é uma eclosão de significações, um fluxo contínuo de pensamentos que sempre pode nos lembrar o “ (...) tempo das existências humanas e de suas memórias, o tempo das sociedades e de suas culturas” (Ibid, p. 34).

Nossos processos de interpretação sobre o mundo - através da experiência - como afirma Novaes (2009) passam inevitavelmente pelas imagens, antecedendo inclusive as palavras. A autora afirma que os atos de olhar e de produzir imagens também envolvem operações mentais complexas, e se relacionam com aspectos culturais e psíquicos de quem os faz, sendo assim, as imagens podem contribuir com a elaboração de estratégias narrativas sensíveis sobre a cidade e suas dinâmicas.

Começo falando da imagem, pois minha relação com ela vem de longa data, nos estudos de antropologia visual e da imagem a partir de minha formação continuada no núcleo do Biev. A produção/geração de imagens dentro da prática da etnografia da duração (ECKERT; ROCHA, 2013a, p. 93), a qual me filio, representa um aspecto central no procedimento enquanto etnógrafa:

desprender-se da vida vivida que lhe deu origem e integrar um fluxo de imagens e formas cuja movência é por excelência seu universo de compreensão. Neste ponto, a imagem construída da experiência etnográfica, na sua condição de representação, possui esta peculiaridade de transcender o concreto vivido do corpo do antropólogo em seu encontro/desencontro com outras culturas e sociedades, adquirindo autonomia de expressão em si mesma

Mas trabalhar com imagens não é só fazer imagens. Apesar de adepta aos deslocamentos na cidade com a “câmera na mão”, me vinculando à etnografia de rua (ECKERT; ROCHA 2013b) ao experienciar as ambiências citadinas de Porto Alegre, recorro ao encontro com as imagens de outras formas, a saber, a partir de acervos fotográficos de interlocutores, de instituições (aqui me refiro propriamente à Fototeca Sioma Breitman, acervo do Museu Joaquim Felizardo de Porto Alegre), e por fim, às imagens do acervo do Biev (que reúne um

vasto material a partir da produção de imagens e pesquisas com imagens de seus integrantes e ex-integrantes sobre a cidade). Formando, assim, meu próprio banco de dados da dissertação.

Ou seja, ao trabalhar com memória e etnografia na composição de um acervo do qual diferentes materiais fazem parte (fotografias, narrativas textuais e iconográficas), produzi uma compilação desses diferentes materiais sobre a rua Voluntários da Pátria e o 4º distrito. A partir da proposta de estruturação do banco de imagens do Biev, fiz também o cruzamento com as seguintes categorias: formas de sociabilidade, trajetórias sociais, ritmos temporais, itinerários urbanos e ambientalização.

O projeto maior do Biev é justamente a “compilação de diversos dados de diferentes fundos de origem etnográficos (ou não) que permitem a apreensão da cidade e dos problemas urbanos através da densidade etnográfica e arquivística simultaneamente” (ROCHA, CERVO, BRAZ, 2020, p.86). Aqui, dialogando com o trabalho desenvolvido no âmbito do BIEV, me interessei sobretudo pelo processo de análise das imagens organizadas a partir do método de convergência do estruturalismo figurativo de Gilbert Durand (1984), um processo de classificação dos símbolos que ao observar a convergência de vastas constelações de imagens produz núcleos de sentido através de temáticas. Com base nas discussões de Eckert e Rocha (2015), chamo de coleções etnográficas os fragmentos que por sua natureza discursiva se ligam entre si por laço não exclusivo, cronológico ou lógico.

Para este trabalho, produzi três coleções etnográficas que são os próximos subcapítulos desta sessão (e que serão entregues em material à parte). Entre fotografias, iconografias e narrativas textuais, me propus a mapear os rastros dos tempos - que se repetem ou não - deixados em marcas nessa região da cidade que insistem em durar. É exatamente isso o que se almeja com a etnografia da duração:

Compreender os fluxos das imagens que narram as formas do viver o mundo contemporâneo, considerando-se seu acesso a partir dos jogos da memória coletiva que configuram as trajetórias sociais e as narrativas biográficas de seus habitantes. Tal fluxo está associado ao campo transcendental que os jogos da memória desenham para as formas do viver a cidade, delimitada como espaço fantástico construído no cruzamento entre o tempo subjetivo e intransitivo das lembranças e o tempo do mundo.

(ECKERT; ROCHA, 2013a, p. 69).

5.2 As obras continuam nessa rua (coleção etnográfica) ANEXO II

5.3 A cidade do trabalho construída sob as águas (coleção etnográfica) ANEXO II

5.4 Quando as águas invadem a cidade (coleção etnográfica) ANEXO II

ENSAIANDO CONCLUSÕES

Na tessitura deste trabalho sobre o mundo urbano, percorri com a leitora e o leitor a rua Voluntários da Pátria em seus mais variados tempos, desde a antiga Caminho Novo que atravessa o 4º distrito da cidade de Porto Alegre e se instala nas margens do rio. Hoje, por conta de uma série de aterros, essa rua não se encontra mais com as águas, a não ser quando as águas vão até ela.

A presença dos aterros sobre as águas, a elevação do nível da água e o acúmulo momentâneo de águas dinamizam os conflitos produzidos e alteram paisagens. A vida ordinária se torna palco de ressignificações de riscos, compreendendo como interação as dinâmicas ecossistêmicas no funcionamento da cidade.

Na duração, encontramos um 4º distrito, símbolo da modernidade urbano industrial, lugar de moradia e sociabilidades do trabalhador. É na duração também que encontramos os resquícios dos processos de esgotamento dessa mesma industrialização e a permanência de diferentes tipos de trabalho, entre galpões de empresas, comércios, restaurantes e novas modalidades de empreendimentos. As três torres de apartamentos novas em contraste com as ruínas de uma antiga fábrica cuja fachada precisa ser preservada dão um fragmento da experiência do que é adentrar para os bairros que cortam a Voluntários. Em seus trechos nada homogêneos, tenho a sensação de que cada feição apreendida é uma experiência de cidade possível. O trabalho por sua vez, aparece o tempo todo para nos lembrar em que região estamos.

Reconstituo esse lugar por imagens. Produzo acervos. Partindo das narrativas de Guido, Nadir e Everton, percorro outra rua (outra região) que nunca andei. Essa dinâmica se estende para as iconografias, as fotografias, os relatos de viajantes, os documentos do setor público, os mapas, e os acervos museológicos, fazendo ponte do que não pode se separar, produzindo imaginação criadora. O desafio se coloca na provocação de imaginar a cidade e remonta-la.

Sob a ótica de uma etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2013) apresentei coleções etnográficas inspirada nas pranchas de imagens de Bateson (1936), em relação às transformações urbanas, partindo de uma perspectiva da memória ambiental (Devos, 2007). Essa construção traçou um panorama entre enchentes e alagamentos ao longo do tempo que incidem sobre a malha urbana do 4º distrito. Ao reconstruir a cidade através de narrativas imagéticas pude experienciar densamente a relação entre as águas, a cidade, e as pessoas e nela vivem.

A retomada das águas é por imagens.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho.** Porto Alegre: Palmarinca: 1997.
- BACHELARD, Gaston. **Dialética da duração.** São Paulo: Editora Ática, 1988.
- BARTZ, Frederico Duarte. Os caminhos operários e a memória da classe trabalhadora em Porto Alegre. **Revista História & Luta de Classes.** v. 28, p. 63-79, 2019.
- BECK, Ulrich. **Risk society: towards a new modernity.** London: Sage, 1992.
- _____. **World risk society.** Cambridge: Polity Press, 1999.
- Bittencourt Jr, Iosvaldyr Carvalho. Territórios Negros. Negro em preto e branco: História Fotográfica da População Negra de Porto Alegre. Org. Irene Santos. 2005, p. 38.
- BLANCATO, Vicente S. **As forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul no 1º centenário da independência do Brasil 1822-1922.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922.
- BOHRER, Maria Dalila. **O aterro Praia de Belas e o aterro do Flamengo.** 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- BRAZ DA SILVA, Camila. **Hotel Rodoviária: escavando imagens e memórias em um processo etnográfico.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- CASTELLO, Lineu. **A percepção de Lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura urbanismo.** 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer.** Petrópolis, Vozes, 1994.
- _____. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 1996.
- DAS, Veena. What does ordinary ethics look like?. In: LAMBEK, Michael et al. **Four lectures on ethics: Anthropological perspectives.** Chicago: HAU Books/ University of Chicago Press, 2015.
- DEVOS, Rafael Victorino. **A “questão ambiental” sob a ótica da antropologia dos grupos urbanos, nas ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS.** 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- _____. A memória ambiental nas narrativas de cronistas e “memorialistas”. **Revista MOUSEION**, v. 2, n. 3, p. 64–90, 2008
- _____. A crise ambiental sob a perspectiva da memória e dos itinerários no mundo urbano contemporâneo. **Revista Ambiente & Sociedade**, vol. XII, nº 2, 2009, p.293-306.
- DEVOS, Rafael Victorino; SOARES, Ana Paula Marconte; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Habitantes do Arroio: memória ambiental das águas urbanas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 22, p. 51-64, 2010.
- DURAND, Gilbert. **Les structures anthropologiques de l’imaginaire.** Paris: Bordas, 1984.
- ECKERT, Cornelia.; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade.** Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- _____. **Etnografia da Duração.** Porto Alegre: Marcavizual, 2013a.
- _____. **Etnografia de Rua: Estudos de Antropologia Urbana.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2013b.
- _____. **A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas.** Porto Alegre: ABA, 2015.

FARIA, Ubatuba de. Planos e realizações urbanísticas de Loureiro da Silva. In: FRANCO, Alvaro; COUTO E SILVA, Morency; SCHIDROWITZ. **Porto Alegre: biografia de uma cidade**. Editora Tipografia do Centro, 1972.

FARINON, Suelen Josiane. **O processo de urbanização de Porto Alegre e suas consequências sobre a formação das sub-habitações da cidade**. 2015. Monografia de Conclusão de Curso. (Especialização em Engenharia Urbana) - Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Guia Histórico de Porto Alegre**. Porto Alegre: EDIUFGRS, 4ª ed. 2006.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto - alegrense e a era Vargas**. 2001. Campinas, SP. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUDYNAS, Eduardo. **Direitos da natureza: ética biocêntrica e políticas ambientais**. São Paulo: Elefante, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

JOHANPETTER, Jorge Gerdau. **Relatório sobre a conveniência e oportunidade da implantação de Distrito Industrial na área da Grande Porto Alegre**. Porto Alegre, dezembro de 1967.

LICHT, Henrique. **Nossa Senhora dos Navegantes**. Porto Alegre - 1871-2006. Santa Maria: Pallotti, 2007.

LOPES, José Sérgio Leite. **A ambientalização dos conflitos sociais: participação e controle público da poluição industrial**. Rio de Janeiro: NuAP/Relume Dumará, 2004.

_____. Sobre processos de ‘ambientalização’ dos conflitos e sobre os dilemas da participação. **Horizontes Antropológicos**, v. 12, n. 25, p. 31-64, 2006.

MATTAR, Leila Nesralla. **Porto Alegre: Voluntários da Pátria e a experiência da rua plurifuncional (1900-1930)**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. **A modernidade em Porto Alegre : arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º. distrito**. 2010. 189 f. Tese (Doutorado em História) - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MELLO, Luciana de. **Etnografia no bairro Navegantes (Porto Alegre- RS): transformações na paisagem e negociações da memória nos ritmos espaciais e temporais vividos no cotidiano dos habitantes**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MENEGAT, Rualdo; KIRCHHEIM, Roberto Eduardo. Lagos, rios e arroios: as doces águas da superfície. In: Menegat, Rualdo et al. (Coord). **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. 3ª edição. Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 35-40, 2006.

MONTEIRO, Silvia Eidt. O patrimônio industrial de Porto Alegre/RS. **Revista ESDM**, v.6, n.11, p. 94-113, 2020.

MÜLLER, Dóris (Coord.). Anatomia de Bairro Navegantes para a Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Relatório de Pesquisa do Gabinete de Planejamento Urbano e Regional/ UFRGS**, Porto Alegre, p. 19, 1969.

OLIVEIRA, Izes Regina. Tratar a cidade como um ecossistema: contribuições teórica e prática visando à sustentabilidade urbana. **Revista Tecnologia e Ambiente**, v. 24, p. 40-41, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.) **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

RAPKIEWICZ, Yuri Schonardie. **Cidades, patrimônios e etnocolecionadores: uma etnografia das reminiscências ferroviárias no sul do Brasil**. 2018. Dissertação (Mestrado em

Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; Cervo, Matheus, Braz da Silva, Camila. O trabalho do antropólogo urbano no campo da “Memória Ambiental”: levantamento dos desafios e lacunas de pesquisa a partir de estudos de caso. **Teoria e Cultura**. v. 15 n. 3 Dezembro. 2020. p. 67-89.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornélia. **A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas**. Brasília: ABA, 2015.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Fontes, 1987.

SIMMEL, Georg. **Philosophie de la Modernité**. Paris: Payot, 2004.

_____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOARES. Ana Paula Marcantes. **O território mito da orla: antropologia de conflitos territoriais urbanos e memórias ambientais em Porto Alegre, RS**. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do PARio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SAMAIN, Etienne. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 25-66, 1967.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.